

34/2

Antonio Pedro Antello

DA MALIGNIDADE NAS DOENÇAS

DISSERTAÇÃO INAUGURAL

APRESENTADA A

ESCOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO

PARA SER DEFENDIDA SOB A PRESIDENCIA

DO EXC.^{mo} SNR.

EDUARDO PEREIRA PIMENTA



PORTO

IMPrensa CIVILISAÇÃO — SANTOS & LEMOS
49—Entreparedes (Campinho)—49

1882

34/2

ESCOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO

DIRECTOR

O ILL.^{mo} E EXC.^{mo} SNR. CONSELHEIRO, MANOEL MARIA DA COSTA LEITE

SECRETARIO

O ILL.^{mo} E EXC.^{mo} SNR. RICARDO D'ALMEIDA JORGE

CORPO CATHEDRATICO

LENTES CATHEDRATICOS

OS ILL.^{mos} E EXC.^{mos} SNRS.

1. ^a Cadeira—Anatomia descriptiva e geral.....	João Pereira Dias Lebre.
2. ^a Cadeira—Physiologia.....	Antonio d'Azevedo Maia.
3. ^a Cadeira—Historia natural dos medicamentos. Materia medica.....	Dr. José Carlos Lopes.
4. ^a Cadeira — Pathologia externa — Therapeutica externa.....	Antonio Joaquim de Moraes Caldas.
5. ^a Cadeira—Medicina operatoria....	Pedro Augusto Dias.
6. ^a Cadeira — Partos, molestias das mulheres de parto e dos recém-nascidos.....	Dr. Agostinho Antonio do Souto.
7. ^a Cadeira — Pathologia interna — Therapeutica interna.....	Antonio d'Oliveira Monteiro.
8. ^a Cadeira—Clinica medica.....	Manoel Rodrigues da Silva Pinto.
9. ^a Cadeira—Clinica cirurgica.....	Eduardo Pereira Pimenta.
10. ^a Cadeira—Anatomia pathologica....	Manoel de Jesus Antunes Lemos.
11. ^a Cadeira—Medicina legal, hygiene privada e publica e toxicologia geral.	Dr. José F. Ayres de Gouveia Osorio.
12. ^a Cadeira—Pathologia geral, semeiologia e historia medica.....	Illidio Ayres Pereira do Valle.
Pharmacia.....	Isidoro da Fonseca Moura.

LENTES JUBILADOS

Secção medica.....	José Pereira Reis.
	José d'Andrade Gramaxo.
	João Xavier d'Oliveira Barros.
Secção cirurgica.....	Antonio Bernardino d'Almeida.
Pharmacia.....	Conselheiro, Manoel M. da Costa Leite.
	Felix da Fonseca Moura.

LENTES SUBSTITUTOS

Secção medica.....	Vicente Urbino de Freitas.
	Miguel Arthur da Costa Santos.
Secção cirurgica.....	Augusto Henrique d'Almeida Brandão.
	Ricardo d'Almeida Jorge.

LENTE DEMONSTRADOR

Secção cirurgica.....	Candido Augusto Corrêa de Pinho.
-----------------------	----------------------------------

A Escola não responde pelas doutrinas expendidas na
dissertação e enunciadas nas proposições.

(Regulamento da Escola, de 23 d'abril de 1840, art. 155).

A MEUS PAIS

— 275 —

À MINHA MULHER

A MEU FILHO

Reuno-vos todos n'esta primeira pagina
do meu ultimo trabalho escolastico, porque
por igual se distribue por vós os meus mais
intimos affectos e a mais santa dedicacão que
na triplex condicão de filho, marido e pa
vos consagra do imo d'alma

O vosso Antonio.

A MEU SOGRO

O ILL.^{mo} SNR.

DIOGO JOSÉ DA SILVA GOMES

E

À MINHA CUNHADA

A EXC.^{ma} SNR.^a

D. HERMINIA AUGUSTA GOMES PACHECO

Era-vos devido este publico testimonho d'intima amizade e gratidão indelével, pela muito que vos deve

o vosso genro e cunhado

Antonio Pedro Antello.

AO ILL.^{mo} E EXC.^{mo} SNR.

CONSELHEIRO

MANOEL MARIA DA COSTA LEITE

EM SIGNAL DE MUITO RESPEITO E GRATIDÃO

OFF.

Antonio Pedro Antello.

AO ILL.^{mo} E EXC.^{mo} SNR.

MANOEL RODRIGUES DA SILVA PINTO

DIGNÍSSIMO PROFESSOR DA 8.^a CADEIRA

Em signal de muita gratidão e respeito

O. D. e C.

O DISCÍPULO RECONHECIDO

Antonio Pedro Antello.

AO SEU PRESIDENTE.

O ILL.^{mo} E EXC.^{mo} SNR.

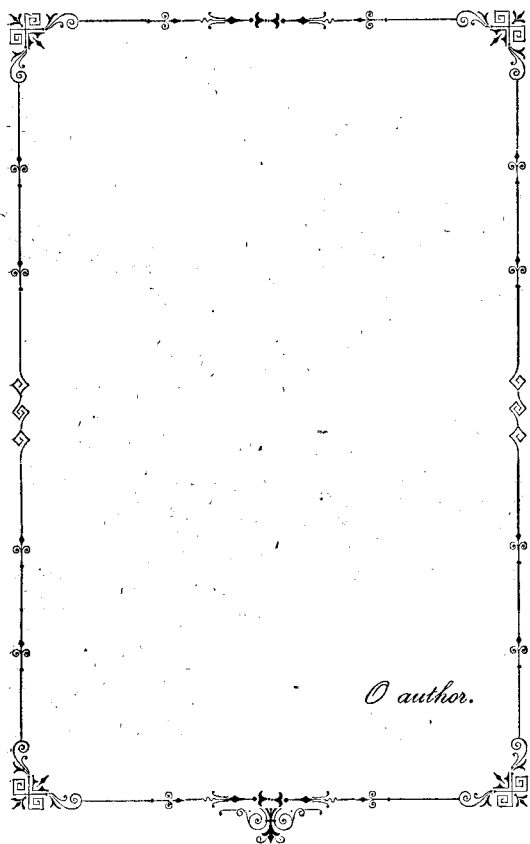
EDUARDO PEREIRA PIMENTA

Permitta-me V. Exc.^a que, sob a égide do seu alevantado talento, eu ponha este modestissimo trabalho, como a prova mais intima e sincera do elevado apreço em que tenho os seus dotes d'homem e de professor.

Acceite-a V. Exc.^a e eu registrarei mais um, entre os muitos favores que a V. Exc.^a deve

O DISCIPULO GRATO

Antonio Pedro Antello.



O author.

DA MALIGNIDADE NAS DOENÇAS

Na linguagem technica da medicina, poucos termos ha que tenham dado lugar a mais controversias e discussões sem proveito para a sciencia, como o que epigrapha o presente trabalho. Com effeito, a palavra *malignidade*, desde os tempos hippocraticos da medicina, tem passado por interpretações variadissimas, o que não impediu que ella se perpetuasse, com tal ou qual insistencia, na linguagem medica, quer com uma acceção mais ou menos definida, quer como o representante de verdadeiras modalidades morbidas.

N'esta dissertação, que marca o ambicionado fim do nosso tirocinio escolastico, esforçar-nos-hemos por synthetisar tudo o que a tal respeito se tem escripto, indo, á semelhança dos antiquarios que buscam nos restos mumificados das necropoles reconstruir os tempos primitivos, exhumar de descripções symptomaticas nem sempre claras e de textos mais ou menos obscuros a noção da malignidade.

Haverá, por ventura, nas variadissimas perturbações da economia, alguma coisa d'occulto, algum espirito maligno, alguma personificação malevola que, intervindo n'um dado momento e invadindo, por um mechanismo desconhecido, o organismo, dê ás doenças um certo cunho especial, uma feição característica e essencialmente perigosa e fatal?

Eis a nossa primeira questão.

Pondo de lado as influencias da credulidade ignorante e da superstição, e collocando-nos no terreno da observação e da experiencia, no campo da clinica propriamente dito, haverá modalidades morbidas que se traduzam por um conjuncto etiologico e symptomatico real, reductivel a uma formula abstracta ou a um termo equivalente ás palavras *malignidade* e *estado maligno*?

Deixando de parte as theorias e os systemas diversos, perguntamos: que movel actuaria no animo dos que creram n'este *quid*, para o considerarem como uma entidade funesta?

Analysadas estas questões, veremos por ultimo se a moderna concepção scientifica é ou não a traducção fiel dos factos clinicos.

Tal é o nosso plano.

Para o conseguirmos, vamos perscrutar todas as theorias e investigar todas as hypotheses que sobre o assumpto se tem proposto; separar o que ha de real e chimerico, o que ha de verdade e erro; beber, emfim, nos testemunhos imparciaes da historia da medicina a significação mais exacta, mais precisa e mais constante d'esta noção.

Dividimos o nosso trabalho em quatro partes.

Na primeira, que subdividiremos em quatro periodos, estudaremos a noção historica e tradicional da

malignidade nas doenças; na segunda, analysaremos a epocha moderna e contemporanea; na terceira, trataremos da malignidade comparada com a tradição e as doutrinas modernas; na quarta, finalmente, tiraremos as conclusões mais consentaneas, a nosso vêr, com a epocha e a concepção scientifica actual.

Assim delineado o nosso plano, resta-nos implorar do illustrado jury toda a sua benevolencia para quem d'ella tanto tem abusado.

Noção historica e tradicional da malignidade nas doenças

CAPITULO I

PRIMEIRO PERIODO

Hippocratico e galenico

A phrase grega de que se serviu Hippocrates e que corresponde ao *quid divinum* da traducção latina, foi geralmente considerada pelos authores que escreveram sobre o assumpto de que nos vamos occupar, como a primeira expressão da ideia — *malignidade*.

E' possivel isto; mas é todavia preciso notar-se que este *quid divinum*, descripto nos livros hippocraticos, deve antes ser considerado como uma especie d'intervenção providencial, de que tantas vezes nos falla o Pai da medicina, para assim caracterisar os esforços reaccionaes da natureza contra as doenças.

E tanto assim é que, diz o venerando medico de Cos, — «é tão necessario conhecer as forças do corpo, como a natureza das suas affecções, afim de nos assegurarmos bem das que predominam. E se alguma cousa de divino, *quid divinum*, sobrevier nas doenças é preciso estudar bem a fundo a sua providencia. Obrando assim, o medico torna-se realmente habil na sua arte

e adquire uma reputação verdadeiramente merecida»— etc. (1)

Como veremos no decorrer d'este estudo, esta passagem do illustre fundador da medicina revela-nos verdades pathologicas de subida importancia, que deram sobre a questão muita luz e que servem para aferir as opiniões mais diversas e aparentemente mais divergentes. Como se infere do que deixamos transcripto, sobresae aqui a noção primordial das *forças* do corpo vivo.

Não é, porém, esta a verdadeira expressão hippocratica do assumpto que nos occupa. O que melhor corresponde, em Hippocrates, a esta ideia de *malignidade*, é o termo *κακότητις*, que Littré, e outros traduzem propriamente por malevolencia, maldade, malignidade emfim. (2)

O que caracteriza, em synthese, esta disposição, e d'alguma fórma esta propensão das doenças, é a irregularidade dos symptomas, a incerteza da terminação, a anomalia das crises, a producção d'abscessos e de metastases, etc. No campo clinico propriamente dito e essencialmente pratico, nós veremos que o dado, *anomalia das crises*, encerra em parte a concepção real da malignidade morbida. E é sobretudo ás febres, e em particular ás febres malignas, que se applicam estas modificações symptomaticas especiaes.

Para entrarmos no âmago da questão, principiemos por analysar, se ha distincção entre a *gravidade* e a *malignidade* nas doenças e isto é realmente importante, quer na especie, quer sob o ponto de vista da critica bibliographica.

(1) V. Faesius,—«Hippocratis opera omnia», Francfort, 1595,— e ainda a— «Economia Hippocratis alphabeti» serie distincta, Francfort, 1588.

(2) V. Laborde, «De la malignité dans les maladies», Paris, 1872.

Ninguém desconhece a *gravidade* nas doenças; muitos ha, porém, que não acceitam a *malignidade*; por isso, tentemos investigar se estes dois estados devem ou não distinguir-se e separar-se.

Encontra-se em Hippocrates a distincção formal entre estas duas modalidades? O termo sacramental das prenções desfavoraveis d'Hippocrates parece exprimir mais particularmente a gravidade. Alguns authores, porém, que commentaram e acceitaram as theorias hippocraticas, deram à noção de *malignidade* um duplo sentido e identificaram o estado grave com o estado maligno.

Assim o considera, por exemplo, Galeno, nos seus «Commentarios sobre as obras d'Hippocrates» (1) e ainda nas suas «Definitiones». (2)

Lê-se n'este ultimo livro: «Malignus morbus est qui facultate quidem magnus est et difficilis, specie vero debilis, neque statuta judicationis habet tempora. Aliter malignus morbus vocatur qui ægris periculum minatur neque spem salutis admittit».

Torna-se bem manifesta, n'esta passagem, a confusão da gravidade ou lethalidade com a malignidade; e isto não podemos deixar d'attribuir a um erro tanto d'interpretação como d'apreciação. E tanto assim é que os authores latinos, representantes da tradição medica de Cos, e ainda a maioria dos escriptores que realçam as epochas subsequentes, conservam o sentido univoco da expressão hippocratica e traduzem-n'a pelo termo *pravitas*, como vemos, por exemplo, em Foës,

(1) V. Daremberg, «Œuvres de Galien», Paris, 1854.

(2) Ainda hoje não está bem averiguado se este livro pertence realmente a Galeno ou se é apocriphe. O que é certo é que esta obra reflecte as theorias do illustre medico de Pergamo.

que define assim a malignidade: «naturæ quædam pravitas»..

A nosso vêr, não ha só erro d'apreciação; ha mesmo erro de observação, por isso que já no livro «Definitiones», parece subentender-se mais que uma especie de malignidade. Ora, o primeiro periodo da precedente definição galenica abrange todos os caracteres mais salientes, attribuidos em todos os tempos a esta malignidade que Laborde qualifica d'*orthodoxa*.

O segundo periodo, pois, parece-nos superfluo.

Em todos os livros hippocraticos, e mais especialmente nos «Aphorismos», encontram-se as sentenças principaes que se referem á malignidade e aos signaes que nol-a revelam. (1)

Mas n'um trabalho d'esta natureza, não podemos nós analysar e, o que é mais ainda, transcrever sequer todas as passagens que se liguem ao assumpto. Vamos, pois, colher, d'entre as muitas que nos legou aquelle genio eminentemente observador e clinico, algumas que mais estreitamente se referem á nossa questão.

E a este respeito, fornece-nos o livro — «Prenações coacas», indicações cheias de seiva e de verdade. E senão que nol-o diga Chauffard, de quem colhemos estes dados. (2)

«Dans une maladie aiguë être refroidi au dehors, mais être brûlé au dedans et avoir soif, est mauvais. — Dans les maladies aiguës les malades étant refroidis, les rougeurs aux mains et aux pieds sont funestes. — A la suite d'un grand refroidissement avec sueur, un prompt retour de chaleur fébrile est mauvais. — Il est fâcheux, la vacuité des vaisseaux n'existant pas, qu'un

(1) V. Littre, «Œuvres d'Hippocrate».

(2) Chauffard. «Principes de pathologie generale», p. 467, Paris, 1862.

malade soit faible sans raison. — La torpeur alternant rapidement avec l'état contraire, est mauvaise. — En général, dans une maladie aiguë la soif éteinte sans raison est mauvaise. — Les frissons fréquents avec stupeur indiquent de la malignité. — Si, dans les maladies, quelque événement survient contre la règle, il faut se méfier».

Todas estas sentenças, diz Chauffard, a última das quaes abrange, na sua generalidade, todas as outras, refere-se verosimilmente á verdadeira noção da malignidade. Segundo a opinião do mesmo author, estas sentenças hippocraticas exprimem, envolvidas no facto exterior, as desordens insolitas, as aberrações da vida commum, e fazem resaltar d'ellas os perigos extremos.

Sem duvida, temos aqui o verdadeiro ponto de partida da noção da malignidade. A nossa insistencia sobre este assumpto é tanto mais justificada quanto é certo que não encontramos, nas epochas ulteriores, esta mesma noção com toda a sua simplicidade e clareza primitivas, a não ser em alguns raros authores, depositarios da tradição hippocratica.

Está n'este caso Barsieri.

Mas antes de passarmos além, discutamos um pouco ainda Galeno. Esta antiga illustração medica quasi nada accrescenta ao sentido hippocratico da malignidade, e se de novo nos referimos a Galeno é pura e simplesmente para mostrarmos que a theoria humoral d'este author está, permittam-nos a expressão, saturada da palavra *podridão*; e ainda mais porque necessitamos de colligir um certo numero de dados para a nossa ulterior discussão.

Esta podridão vê-a Galeno, ou pelo menos parece-lhe vel-a em toda a parte, mesmo no sedimento

das urinas; e dá-a como caracter essencial da caco-chymia que juntamente com a plethora, constitue um dos modos do vicio dos humores — depravação e podridão, em summa, eis os effeitos forçados d'este vicio humoral. Todas as febres provêem d'estas alterações humoraes, exceptuando todavia a sua chamada *febre ephemera*, que se liga a uma affecção especial do *pneuma*. Ora, para o nosso intento, basta-nos frisar, da theoria humoral, que a febre terçã é devida á podridão da bile, que a febre quartã é devida á podridão da atrabile, etc. (1)

É preciso todavia notar-se que Galeno já distinguia as *febres pestilenciaes epidemicas* das *febres sporadicas*, o que indubitavelmente marca um progresso sobre os caracteres vagos assignalados á malignidade, e este progresso, discutivel sem duvida, é comtudo verdadeiro, relativamente ás tendencias d'alguns aucthores, que especialisaram particularmente a accepção — malignidade.

Assim, por exemplo, Cælius Aurelianus (2), o ecletico por excellencia, allude em muitas passagens do seu livro «De febribus» a certos caracteres de malignidade e de perniciosidade.

Celsus, que viveu no fôco das febres intermittentes, em Roma, falla-nos tambem das febres, e muito especialmente das febres intermittentes, o que é para nós d'algum interesse, sob o ponto de vista que nos occupa.

Diz Celsus — «as febres distinguem-se, segundo o

(1) V. Jaccoud, «De l'humorisme ancien comparé à l'humorisme moderne», th. Paris, 1863.

(2) V. L. G. Bos, «Traité special de la malignité dans les maladies», Paris, 1848.

seu typo; pôdem ser quotidianas, terçãs, quartãs ou hemitriteas.»

N'estas ultimas, é necessario entrar em linha de conta com as remittentes d'accessos mais ou menos violentos, approximados, irregulares. Na intensidade maior ou menor e consequentemente no perigo dos accessos é que Celsus vae procurar as indicações therapeuticas, e estas são variadissimas, o que nos leva a crer que Celsus não devia censurar, como censura Asclepiades, o emprego d'agentes therapeuticos, a vigilia prolongada e a luz, com o fim de debilitar beneficamente o doente pelo excesso d'excitação; por que, diz Celsus, «nada é mais temivel n'estes casos do que a fraqueza».

Celsus descreve ainda, posto que muito concisamente, a febre *pestilencial* e a febre *ardente*, que sem duvida corresponde ás fórmias *putridas* e *adynamicas*, e falla-nos dos *delirios febris*, collocando entre as affecções geraes a *cardialgia* com febre, pulso deprimido, suores, grande fraqueza d'estomago e de todo o corpo, angustia extrema e por vezes a *phrenesia*. Finalmente, a par de tudo isto, e como phenomeno morbido diametralmente opposto pelos seus symptomas, põe Celsus a *lethargia*, doença igualmente febril, aguda, realmente perigosa, em que os doentes estão entorpecidos, e que mata em pouco tempo, se se não acudir com pres-teza.

Em conclusão, Celsus, no seu quadro das febres intermittentes, mira pela descripção symptomatica que nos legou, á perniciosidade e á malignidade, posto que não nol-o exponha claramente; quer dizer refere-se peculiarmente á irregularidade e á intensidade das manifestações, sem as submetter todavia a uma significa-

ção abstracta e personifical-as de algum modo n'um syndroma synthetico. (1)

*

*

*

Antes de fallarmos dos authores, que marcam o segundo periodo d'esta primeira parte do nosso trabalho, digamos duas palavras sobre as épochas subsequentes, posto que muito pouco tenhamos que referir.

Aos periodos hippocratico e galenico, seguem-se tempos d'uma assombrosa obscuridade e inercia scientifica. Apenas alguns, e estes raros, vestigios do assumpto que nos occupa, assomam, ás vezes, na tela ampla da sciencia; mas sem apresentar comtudo os fóros de novidade.

E' sobre tudo aos arabes que se deve a conservação d'alguns restos, que conseguiram, a poder de muito esforço, salvar-se e sobreviver, n'estes tempos em que a decadencia intellectual marchava a par do enorme desabar das sociedades, e ficava sepulta nos escombros que amontoava o odio reciproco das raças.

Apenas a magia e a alchimia mais grosseira occupam os espiritos; nada se cria de novo; nada se acrescenta aos conhecimentos legados dos antecessores; e o lugar serio que deviam occupar as sciencias e as artes é pura e simplesmente terreno para evolução de abherrações de toda a ordem. Uma vez por ou-

(1) V. Celsus, trad. de «Des Etangs», 1846, na collecção Nisard. Sobre a vida e obras de Celsus muito pouco se sabe. A não ser o seu livro «De re medica», nada mais de notavel se conhece d'este author.

tra, ainda apparece algum espirito selecto, que tenta levantar a sciencia do seu pezado abatimento; mas aos seus esforços não correspondem resultados proporcionaes, e isto especialmente sobre o assumpto de que tratamos, e sirva de exemplo Amatus Luzitanus que se occupou das *crises* e da esteril theoria dos *dias criticos*, e ainda Nicolas Leonicensus que se esforçou por fazer reviver a verdadeira doutrina hippocratica e contribuiu, com os numerosos traductores do seu seculo, para reatar os élos da interrompida cadeia da tradição.

Fechado o parenthesis, continuemos.

SEGUNDO PERIODO

**Fernel e a sua pyretologia—Baillou,
Sennert, etc.**

E' n'este segundo periodo que começa a manifestar-se a reacção operada na sciencia pela observação, o que já marca um progresso no estudo das questões da medicina tradicional. Os authores d'este segundo periodo são incontestavelmente os precusores dos pyretologistas e epidemiographos dos seculos XVII e XVIII.

Na vanguarda de todos elles, apparece-nos Fernel que, segundo a opinião de Bos, (1) foi o primeiro

(1) V. L. G. Bos, op. cit.

que fallou das *febres malignas*, constituidas em grupo; das doenças geraes, vagamente capituladas antes d'elle de *mau character*. O que não deixa duvida é que Fernel tratou de fixar mais ou menos a significação do termo malignidade. E tanto assim é que n'um dos capitulos das suas «Opera omnia», (1) subordinado ao titulo «De febris maligna», procurou Fernel estabelecer certas distincções, como se vê, por exemplo, quando se refere á sua *pestilens febris*: «Pestilens porro febris non uno calore, sed pestilenti malignaque pernicie, alias spiritus, alias humores, alias partium substantiam contaminat, huicque differentiae surgunt.»

Esta passagem é realmente capital para o nosso estudo e toda ella deve prender a nossa attenção, porque para Fernel, *malignidade* e *perniciiosidade* não são senão dous termos que se completam, dous estados que symbolisam por assim dizer uma mesma ideia, expressões differentes d'uma mesma modalidade. Como se vê, esta febre, caracterizada por uma perniciiosidade *maligna*, não contamina só os espiritos e os humores, mas ainda a *substantia das partes*, isto é as partes *solidas* do corpo. Ora isto exprime-nos realmente uma reacção séria contra a invasão e o dominio das theorias galenicis dos humores. E tanto mais quanto é certo que Fernel insiste ainda e muito sobre estas ideias e distincções.

Diz-nos Fernel, na sua obra já citada: «Maligna febris est quæ non modo calore, sed et qualitate venenata cor fatigat. Qua enim febris est calore, qua maligna perniciies supra vulgaris putredinis conditionem est. Ea autem vel intus sponte gignitur in no-

(1) V. Fernel «Opera omnia», ed. de 1855.

bis, vel extrinsecus inducitur... E sublimi venenata febris quæ sit, pestilens est; aliis ex causis, implicetur maligna, etc».

No que fica transcripto, descobre-se mais um factor addicionado à noção da malignidade, «*qualitate venenata*», cuja intervenção n'uma febre reputada maligna não é indifferente. Alguns authores, como veremos, deixaram-se dominar tanto por esta qualidade, que quasi fizeram d'ella a verdadeira expressão da malignidade.

Attribuindo às febres malignas a «*qualitas venenata*», Fernel, como se depreheende do ultimo periodo da precedente citação, faz etiologicamente d'essa qualidade o attributo exclusivo da *pestilencia*: ao passo que outra causa qualquer, exceptuada a causa toxica, pôde implicitamente originar a malignidade. A nosso vêr, esta distincção revela-nos uma nova ideia — a do contagio.

Seja como fôr, o que é certo é que Fernel considera a febre maligna e pestilencial como uma doença *totius substantiæ*, a perniciosidade ou a malignidade como uma modalidade á parte, que está acima da *vulgaris putredinis*. Finalmente, segundo Fernel, a febre maligna pôde nascer expontaneamente no nosso interior, *intus sponte in nobis*, ou provir do exterior, etc.

Vê-se, pois, que Fernel separa muito nitidamente o estado maligno do estado putrido e estabelece a relação entre a espontaneidade da doença e a malignidade.

Estes dados são d'uma importancia capital e tanto mais quanto é certo que não foram aproveitados e meditados sobejamente pelos fundadores e partidarios das doutrinas ulteriores.

Depois de Fernel, a accepção da palavra malignidade passa por cambiantes variadissimas, por interpretações diversas e torna-se o ponto obrigado em volta do qual se amontoam confusões de toda ordem: é na epocha em que começa d'operar-se na sciencia uma revolução profunda que arrasta os espiritos n'uma corrente d'ideias desconexas, e que consequentemente não lhes deixa tempo para o estudo de factos de pura observação e de esclarecida practica.

Assim, Paracelse; assim Van-Helmont que lançava, atravez das mais grosseiras abherrações chimiaticas, os fundamentos do humorismo chimico. Sob o ponto de vista medico, os *archeus* de Van-Helmont foram os precusores de certas theorias vitalistas; e o seu *archeus furens* reflecte sem duvida alguma a noção da malignidade. Mas esta personificação, que produzia a discordia e a desordem no todo harmonico, é antes mera ficção do que resultado da observação pathologica.

Deixando Sylvius de le Boë e ainda outros, que nada adiantam sobre o nosso assumpto, fallemos d'uma illustração medica verdadeiramente notavel d'esta epocha. Discipulo de Fernel, Guilherme Baillou foi um dos grandes observadores do seu tempo, e a reputação que lhe deram os seus estudos epidemiologicos, é realmente merecida. Baillou, posto que adoptasse as theorias puramente humoraes e visse na depravação dos humores todas as causas das doenças, por isso mesmo que para elle as febres não tem outra origem senão a pituita e a bile, Baillou, diziamos, tinha sobre a malignidade ideias que se approximavam muito da malignidade tradicional.

Para Baillou, a malignidade consiste «na desproporção que se acha entre a ligeireza apparente da

doença, a da sua invasão e a causa das suas consequências fataes.» (1)

Mais ainda. Diz Baillou que são malignas as doenças que affectam sensivelmente o systema nervoso e que o fazem cahir em abatimento; doenças em que se nota um espasmo continuo, uma inquietação e agitação constantes, e que matam o doente no momento em que se julga pouco perigoso o seu estado.

Nota-se já n'esta descripção a primeira tentativa da localisação da causa no systema nervoso. Mas a isto accrescenta ainda Baillou que a doença maligna não é semelhante a nenhuma outra e não pôde ser combatida pelos meios usuaes, tornando assim bem frisan- te a impotencia da therapeutica, na questão da malignidade. «Quoties consuetis remediis morbi non profligantur, ad malignitatem, Galeni consilio, est recur- rendum.» (2)

Baillou, porém, a exemplo de muitos authores e especialmente do seu mestre Fernel, não distinguia a febre maligna da febre pestilencial.

*

*

*

A vastidão do assumpto, e a impossibilidade de tudo apanharmos, são outros tantos motivos que justificam o nosso silencio sobre alguns authores d'este periodo, para chegarmos a Sennert que, na opinião de

(1) V. Baillou, «Opera medica omnia», ed. J. Thévert, Paris, 1635, e ainda Chambon de Monteaux, «Traité de la fièvre maligne», Paris, 1787.

(2) V. Baillou, op. cit.

Laborde, marca a transição do século XVI para o século XVII.

Symptomas de mau character, que não comporta a doença na sua natureza propria e na sua essencia, certas qualidades occultas, alguma coisa viciosa que deprime as forças, uma desproporção entre o perigo real e a maioria dos phenomenos apparentes, d'onde uma simulação de benignidade que engana muitas vezes tanto o medico como os doentes, fazendo-lhes conceber esperanças de cura, ao passo que a morte sobrevem inopinadamente, todo este conjuncto constitue para Sennert a doença maligna. «*Malignus morbus est qui pejora, quam pro suæ rationi naturæ vel essentiæ, habet symptomata, et cui ex occultis qualitatibus aliquid vitii, quod vires dejicit, conjungitur; qui etsi periculosus sit, tamen accidentia pleraque sæpe non admodum violentia et sæva habet, unde simulata benignitati non raro et ægros et medicum fallit, et de quibus salutis spes concipitur, præter spem atque inopinato moriuntur. Similes nimirum sunt tales morbi hominibus malis, qui aliud vultu et verbis præ se ferunt, aliud corde occultant et factis præstant.*» (1)

Esta definição mostra-nos que Sennert possuia um espirito eminentemente observador, altamente clinico, porque ella contem verdades de subida importancia de medicina practica, em cujo campo é preciso collocarmo'-nos, para apreciar devidamente a questão de que tratamos.

Em outras passagens da obra citada, Sennert falla particularmente d'alguns symptomas insolitos e irregulares. «*Si, præter febris morem et præter solitum so-*

(1) V. Sennert—«*Opera omnia*», Venise, 1643, cit. por Bos e Laborde.

porem, lipothymia, cordialgia vel aliquid aliud accadat, omnia diligentissime perdenda sunt».

Mais explicito é ainda Sennert quando esboça o quadro seguinte: «Si æger sine causa horreat, incalcescat, sanguinem stillet, cætera vero febris lenta et quasi cum signis salutis videatur; fauces exasperentur; cum linguæ nigridine atque asperitate æger non sitiât; si pulsus caloris febrilis insolitam parvitatem cum inæqualitate et frequentia habeat; a levi occasione accidant animi deliquia: hæc morbum *malignum* arguunt».

Temos elementos de sobejo para mostrar como Sennert entendia a malignidade; e se alguma cousa ha que se lhe possa exprobar, apesar do rigor logico de que tantas provas nos dá, é a sua classificação, á parte, das doenças malignas. E' certo que Sennert representou, nas suas descrições symptomaticas, alguns signaes insolitos, dotados d'algunha forma dos caracteres do insidioso, do imprevisto e do anormal; mas todavia não é menos certo que applicou este conjuncto symptomatico e poderíamos dizer prognostico, a uma classificação nosologica inteira.

*

* *

Fecharemos este segundo periodo, citando de passagem Thomas Willis, cuja opinião sobre este assumpto tem já uma base mais solida e mais scientifica. Guiando-se pelos conhecimentos adquiridos pela anatomia e physiologia que, já n'esta epocha tentaram rasgar novos horisontes ao progresso scientifico, Th. Willis attribuia o principal papel ao systema nervoso, que para elle

*

tem o privilegio de produzir a malignidade morbida (1); segundo Willis, pois, «a causa proxima da febre maligna consiste n'uma alteração do fluido animal e na *irritação do systema nervoso*, irritação devida aos corpos extranhos que actuam sobre os filetes nervosos ou ainda ás substancias que convulsionam os espiritos.» (2)

E' preciso todavia notar-se que nem sempre attribue Willis á alteração dos *espiritos* a malignidade e que esta parece em muitos casos depender antes d'um *espasmo* permanente, pelo facto d'uma *irritação* constante da propria substancia do nervo, sem alteração do fluido vital.

Seja como fôr, o facto da intervenção do systema nervoso é ponto capital e factor importante para a resolução da questão.

TERCEIRO PERIODO

Sydenham, Baglivi, etc.

Contrariamente á opinião adoptada pelos pathologistas sobre *febre maligna* e *malignidade*, temos, a abrilhantar este periodo, dois vultos incontestavelmente eminentes, que empregam, tratando do assumpto do presente trabalho, um certo numero d'argumentos que passamos a analysar. Fallamos de Sydenham e de Baglivi.

(1) V. Chambon de Montaux, op. cit.

(2) V. Th. Willis, «Opera medica de morbis convulsivis» Londres.

Para Sydenham, as doenças só são malignas, quando se tornam taes pela applicação d'um methodo therapeutico vicioso. «Non a venenosa morbi indole, sed a therapia male administrata.» (1)

Sydenham vai ainda mais longe, affirmando que esta imaginada malignidade, de que se serviram os authores para caracterisar certas febres, é uma pura phantasia do espirito, um invento muito mais funesto á humanidade do que a propria polvora. «Hoc imaginatum malignitatis nomen imperitia medicorum peperit, petulantia vulgus fovet. Cujus de malignitate sive notionem, sive verbum dixeris opinionis, inventio humano generi longe ipsa pyrii pulveris inventionem lethalior fuit.» (2)

Vê-se como apprecia Sydenham o facto em questão. Mas, como judiciosamente observa Dechambre, (3) que razões dá Sydenham «d'esta apreciação, d'esta interpretação que podia arrogar-se o author *d'um methodo completo para curar quasi todas as doenças*, mas que está bem longe de resolver as grandes difficuldades do ponto de que se trata?»

O que é fôra de toda a duvida é que Sydenham parece proscrever mais particularmente a *febre maligna sporadica*. «A febre maligna, diz elle, não é uma doença commum, não é uma doença d'observação quotidiana; não é mais do que a *febre pestilencial epidemica*», e, como Sennert, Sydenham estabelece intimas relações entre a febre maligna e a peste, de que ella é a primeira expressão e na qual muitas vezes se transforma.

(1) V. Sydenham, «Opera medica», Londres, 1734.

(2) Id. ibidem.

(3) Dechambre—«Dict. encycl. des sc. médicales», art. Malignité.

Ora, estas distincções não bastam com toda a certeza para cortar difficuldades e collocam o cognominado Hippocrates inglez nas pontas d'um dilemma, das quaes não é facil sahir, porque ou acceita ou não a malignidade.

Embora regeite a febre maligna, Sydenham acceita comtudo implicitamente uma tal ou qual afinidade entre esta e a peste; e a differença não seria mais do que uma questão d'intensidade, com origem nas condições d'epidemicidade, e isto constitue realmente a verdadeira malignidade de Sydenham.

Notemos, por ultimo, com Dechambre, que um celebre observador e entusiasta acerrimo de Sydenham, (1) accuzou este author de não ter sabido tratar as febres malignas.

«Il ya, sans aucune doute, diz Huxham, des fièvres qui demandent quelque chose de plus que la lancette, de la petite bière et une purgation. La fièvre lente nerveuse (a febre maligna de muitos authores) doit-elle être ainsi traitée? Est-ce ainsi qu'il faut se conduire dans certaines petites véroles, fièvres pétéchiales, miliaires, etc.»? (2)

Apesar da sua authoridade scientifica, apesar do seu talento incontestavel, apesar mesmo da sua muita influencia sobre as epochas ulteriores, Sydenham não conseguiu fazer desaparecer a malignidade que, longe de cahir no esquecimento e envolver-se no pó da historia, prevalece subsequentemente e com maior intensidade no campo da sciencia.

*
* *

(1) V. Laborde, op. cit.

(2) Id. ibid.

Um outro luctador não menos valente, Baglivi (1) diz que a *febre maligna* foi imaginada pelo erro e conservada pelos ignorantes que, para combater um veneno imaginario, abusam de remedios incendiarios, que teem por unico resultado tornar mais perigosas as doencas: «Quibus quod præcavere volunt, periculum advocant et augment.» Mais adiante accrescenta Baglivi: «Sed tam frequentes, ut vulgus et medici somniant frequenter, nego.» Para Baglivi, pois, é um delirio uma febre maligna tão commum como julgam o vulgo e o mau medico. Mas não passe sem reparo que pretender que as febres malignas não são *tão frequentes* como se pensa, implica tacitamente que ellas existem e que o proprio Baglivi as acceita, embora s'esforce por explical-as a seu modo. Para Baglivi, a malignidade reside n'um character—a vehemencia. «Vehemens nempe malignum.»

Mas além das febres malignas, dá-nos Baglivi as *mesentericas* e attribue-as á inflamação das visceras, á quantidade excessiva dos humores degenerados nas primeiras vias: «Ipse enim ut vera fateor quæ diligenti observatione, a duobus potissimum causis malignas has febres pendere observavi; ab inflammatione visurum et ab apparatu pravorum crudorumque humorum in primis viis.» E depois d'isto: «Qua nobis videntur malignæ a viscerum phlegmone aut eresipellate fiunt, id est a causa evidenti et manifesta; unde ergo ista malignitas?»

Distingue Baglivi as febres malignas e mesentericas produzidas por excessos de regimen das que originam as emanações pantanozas, miasmas que elle capitula de venenosos e cuja acção póde comparar-se

(1) Baglivi, «Opera medico-practica», ed. Pinel, Paris, 1788.

â dos cogumellos ou outras quaesquer substancias d'esta natureza. Esta ultima assimilação é capital, como veremos.

Para Baglivi, o *typho*, especie de *febre ardente*, occupa todo o interior do estomago, e observa tambem o mesmo author que a *febre epiala* deve ser classificada entre as febres assim caracterisadas, por causa dos accidentes graves a que ella dá lugar.

Seja dito de passagem que Baglivi fez sobre grande numero de animaes variadas experiencias, de que não soube tirar todas as illações scientificas, que lhe abriam um campo mais positivo.

O que nós deduzimos do que deixamos dito sobre estes dois authores, Sydenham e Baglivi, á parte as suas ideias sobre a malignidade, é que ambos reagiram contra o uso e sobretudo contra o abuso d'este termo *nosologico*.

*
* *

Mas além d'estes dois authores, cujas ideias acabamos de passar em revista, outros ha ainda em cujo animo prevaleceu a noção de malignidade, taes como Morton, Werlhoff, Ramazini, Torti, etc., influenciando d'um modo manifesto as theorias vitalistas, concebidas d'um lado por Stahl, d'outro por Bordeu, Barthez e ainda pela escola de Montpellier.

Mais ainda. O ecletismo de Boerhaave e da sua escola, como adiante veremos, longe de repudia-la, foi pelo contrario unanime em acceita-la e respeit-la. Taes foram de Haen, Gaubius, Wan-Swienten, Stoll, Wildenbrandt, etc.

Finalmente, a anatomia pathologica que começava de despontar, sob o impulso de Bonnet, Barrère, Lancisi e sobretudo de Morgagni, pouco ou nada influiu sobre esta ideia tradicional; posto que d'ella emanasse a revolução que mais tarde a condemnou.

Fugindo um pouco da ordem chronologica que nos traçamos, vamos rapidamente analysar a opinião de dois authores que tentaram reagir a seu modo contra a noção tradicional da malignidade e que por isso mesmo devem ser collocados ao lado de Sydenham e de Baglivi. Queremos referir-nos a Quesnay e Chirac.

Para este ultimo, «todos estes termos de *malignidade, de qualidades occultas e deletereas*, foram inventadas pelos antigos para cobrir a sua ignorancia, para alliviar o espirito e vêr se, por um esforço d'imaginação, livres da obscuridade tenebrosa em que os mergulharam estas *magnificas palavras*.» Na opinião de Chirac, todos estes venenos, peçonhas, etc., das causas malignas são tão arbitrarios, e tão improprios para estabelecer indicações therapeuticas, que, diz elle, «nem perco tempo em demorar-me n'isto, nem tão pouco o tomo por fundamento da cura d'essas doenças.»

Este desprezo de Chirac pelos antigos explica-o elle mesmo, por isso que, segundo a sua propria expressão, Chirac vive «n'um tempo em que a physica só reconhece como unica authoridade a razão e experiencia.»

Sem hesitar, conclue Chirac que «todos os accidentes attribuidos á malignidade são apenas devidos ao effeito d'uma causa muito simples, qual vem a ser a condensação extraordinaria da massa sanguinea, que nunca se considerou como uma modificação extraordinaria, condensação que faz parar o sangue nos vasos do cerebro e nos das visceras, etc.» Eis aqui, segun-

do Chirac, a causa essencial das febres malignas, que elle confunde com outras, taes como a escarlatina, e ainda com a peste que é, na sua opinião, o qualificativo de «todas as febres malignas epidemicas que são causa de uma grande mortalidade.» (1)

Passemos a Quesnay, e vejamos o que elle pensa sobre a febre maligna e sobre a malignidade. Quesnay recusa admittir que se qualifique de febre maligna uma doença em que o pulso não possui, de forma alguma, os caracteres propriamente febris.

«Não admittimos, diz Quesnay, outra febre a não ser a que se manifesta pelo augmento da velocidade do pulso, e nós não a reconhecemos nas doenças que se chamam *febres malignas*, senão quando ella se nos mostre pelo mesmo signal; porque á mingoa d'este symptoma, todas as outras desordens, taes como o espasmo, as angustias, a prostração de forças, as colliquações, a dissolução putrida, as evacuações excessivas, os entorpecimentos lethargicos, as gangrenas, etc., n'estas pretendidas *febres malignas*, são muito estranhas á febre; todas estas desordens formam uma série de complicações de doenças que se não devem confundir, sob a denominação de *febres malignas*, com a febre propriamente dita.» (2)

A palavra *complicações* tem uma importancia real, e vem estabelecer uma distincção verdadeiramente fundada entre o que pertence á doença propriamente e o que d'alguuma forma se ajunta a ella.

Os factos, que se tem deduzido da observação, não legitimam o modo de vêr de Quesnay no que diz respeito ás modificações do pulso na febre. Clinicamente

(1) V. Chirac, "Traité des fièvres malignes, pestilentiellees, etc." Paris, 1742.

(2) V. Quesnay, "Traité des fièvres", Paris, 1768.

fallando, tiveram os predecessores de Quesnay razão de prestar a sua attenção a estas mudanças subitas e imprevistas das pulsações d'um febricitante e d'aqui inferir as suas prenoções desfavoraveis, d'onde nasceu a noção de malignidade.

Para Quesnay, a febre, para ser maligna, deve apresentar um pulso e um calor característicos. Esta pretendida malignidade das febres, segundo elle, tem a sua causa proxima nas *irritações espasmodicas* locais. *Voici le mot.*

O *espasmo* para Quesnay era tudo; pelo espasmo explicava elle a *prostração das forças*, e n'este caso todos os effeitos do espasmo tinham o cerebro como ponto d'eleição para a sua localisação. «Basta, diz elle, que o *espasmo* produza taes contracções n'esta ou n'aquella parte, para logo apossar-se do principio da vida, abafar o calor, aniquilar as forças e rapidamente causar a morte». (1)

Reatando o fio chronologico, que por instantes quebramos, apreciaremos as ideias de R. Morton. Posto que ecletico, este author possui ainda uns longes do humorismo hippocratico e galenico, ao qual mistura novas hypotheses, taes como a dos espiritos animaes e a do nervosismo.

Fallando das febres intermitentes, e da sua determinação, diz Morton que o veneno que as caracteriza assoma dos pantanos ou pôde formar-se no interior do organismo sob a influencia de causas perturbadoras. Nem sempre se apanha a origem d'este veneno, que escapa aos sentidos, mas revela-se-nos pelos seus effeitos, isto é pelos symptomas que nos apresenta. (2)

(1) V. Quesnay, op. cit.

(2) V. Morton, "Pyrelogia", Londres, 1692.

O veneno em questão, em luta com os espiritos animaes, fórma a base da theoria de Morton sobre a malignidade. Se os espiritos, prostrados pelo veneno, succumbem, apparecem as evacuações suspeitas, a *podridão, os symptomas, enfim, da malignidade*. E' então necessario sustentar os espiritos enfraquecidos, por meio dos reconstituintes, dos alexipharmacos, dos tonicos, etc.

Depois de descrever as febres, no seu estado de simplicidade, de benignidade, Morton apresenta-as envolvidas n'um como *véo insidioso*, que as pôde tornar desconhecidas e mesmo mortaes, simulando já a apoplexia, a colica, a pleurisia, o rheumatismo, já a escarlatina, a erysipela, a diarrheia, etc. N'estes casos, observa judiciosamente Morton, é que os doentes succumbem no periodo do frio, e d'aqui conclue que o unico meio de salvação é oppor-se á repetição dos accessos, e para conseguir este resultado emprega a quina, que se deve applicar no começo do periodo apyretico.

A' parte o lado puramente theorico e hypothetico das ideias de Morton, sobre os caracteres da malignidade que no animo da maior parte dos authores se confundem com a perniciosidade, nós vemos os seus preceitos confirmados pela observação e experiencias de Werlhoff, que estudou particularmente as febres intermittentes perniciosas, chamadas *soporificas*, em que notou os symptomas apopleticos, acompanhados algumas vezes d'hemiplegia, que se manifestam primeiro n'um accesso e se dissipam em seguida, para dar lugar á apyrexia; que reapparecem depois de dois ou tres paroxismos, sem remissões, e que matam os doentes, se se não intervier opportunamente com o remedio heroico — a quina; de Lancizi, cujas investigações

clínicas e necroscópicas marcam um progresso no estudo positivo das causas anatómicas das doenças e sobre tudo das doenças malignas, e finalmente de outros muitos, entre os quaes sobresae Torti, cujas idéias vamos analysar rapidamente.

*

* *

No seu classico livro da «Therapeutica das febres perniciosas», lêem-se algumas passagens, referentes ao nosso trabalho e que são dignas de notar-se.

Diz Torti—«*Malignus mos et prava in universum febrium hujusmodi perniciosarum natura indicatur, etc.*» (1) Aqui temos o termo *malignus* a caracterizar certas febres perniciosas, e o qualificativo «*prava*», representante da «*pravitas*» dos predecessores, fieis á noção de malignidade.

Mas adiante accrescenta Torti—«*Sed potius simulatam dixerim, ex vi circuitus, effigiem benignitatis; atque ideo illius malitia ex mille accidentibus periculosissimis, quibus implicata exstitit.*»

Sublinhamos a *effigiem benignitatis*, que tambem encontramos na accepção tradicional. Torti exprime com termos differentes a mesma ideia, como se vê na citação seguinte em que, syntheticamente, se agrupam alguns caracteres symptomaticos:

«*Fraudulentior est ea febris quæ, nullo præcedente pravitatis indicio, ægrum invadit more solito, cum horrore, rigore et frigore, cui succedit calor, etc.*»

(1) V. Torti, «Therapeutica specialis ad febres periodicas perniciosas, etc.» Modène, 1712.

Insistindo na extrema importancia de qualquer indicio, por mais pequeno que seja, capaz de despertar a nossa attenção sobre a natureza dos accidentes e a terminação da doença, Torti transcreve esta muito significativa imagem aphoristica do poeta:

Saepe exiguus mus
Augurium tibi triste dabit.

Eis resumida e explicitamente exposto tudo o que Torti attribue, nas febres intermittentes, á malignidade e posto que pareça, tanto para elle como para a maior parte dos authores, que malignidade e perniciosidade não são senão expressões d'uma mesma ideia, notemos todavia uma ligeira cambiante, na sua primeira passagem precedentemente citada, tal que por vezes vem ajuntar-se aos caracteres da malignidade o que propriamente constitue a perniciosidade.

*
* *

Como já foi dito precedentemente, a escola eclectica de Boerhaave, longe de renegar a malignidade, entremisturou-a com as antigas ideias humoraes e o iatromecanicismo, accrescentando algumas noções anatomicas e physiologicas do seu tempo.

O proprio Boerhaave vai fornecer-nos dados para demonstrarmos que á sua escola não repugnava absolutamente a ideia de malignidade nas doenças e tanto assim é que Boerhaave define a febre: «uma affecção da vida, esforçando-se por prevenir ou impedir a morte».

Ora esta ideia d'esforço reaccional pertence tanto a Hippocrates como a Galeno; de quem Boerhaave se afasta, é certo, quando desce a minucias, d'explicações theoricas, que muitas vezes peccam pela sua pouca clareza. Assim, a maior ou menor condensação ou tennuidade dos humores, do sangue em particular, a maior ou menor resistencia provocada nos órgãos circulatorios, tal é na essencia toda a sua theoria morbida.

Por vezes, e especialmênte nas febres intermitentes, falla-nos Boerhaave d'uma modificação, *viscozidade*, do fluido nervoso do encephalo e faz intervir a influencia da innervação estorvada do cerebello sobre as funcções cardiacas. Mas, e isto é o que é realmente importante, Boerhaave, assim como o seu discipulo Van Swieten, não distinguem a synocha putrida da synocha simples, senão pelo seu grau d'intensidade. Por outras palavras, a differença reside nas causas mais graves e principalmente n'uma acrimonia mais aguda e algumas vezes especialissima. Tanto Boerhaave, como o seu discipulo admittem que uma indicação theurapeutica intempestiva pôde converter em putrida uma synocha simples. Para Boerhaave a principal fonte d'indicação está no *estado das forças*, que é preciso sustentar.

Boerhaave não nos diz muito mais sobre as febres malignas, ás quaes substituiu a febre lenta nervosa, que, como já dissemos, corresponde, na opinião de muitos authores, ás primeiras. (1)

Segundo Chambon de Monteaux, (2) Van Swieten não acreditava na existencia de febres que se podessem distinguir d'outras pela denominação de *malignas*;

(1) Boerhaave, «Œuvres», trad. de Lamettrie, Paris, 1741.

(2) V. C. de Monteaux, op. cit.

mas no entanto este mesmo author observa que é a febre maligna que se refere Van Swieten quando diz: «Existe um genero de febre putrida em que os liquidos mais grosseiros que circulam nos vasos não parecem soffrer uma alteração bem pronunciada, o que comtudo se nota nos liquidos mais tenues.»

Muito embora assim seja, mas nada descobrimos aqui que nos revele noção de malignidade.

*

* *

D'esta epocha em diante, os authores admittem a malignidade, mas nem todos o interpretam da mesma fórma. Demos a palavra a De Haen.

«Maligna dicuntur, diz elle, illæ febres quæ insuetis stipantur symptomatibus, et solitis non parent auxiliis.»

Procurando caracterisar a natureza intima d'esta malignidade, accrescenta De Haen: «Igitur malignitatem tunc intelligimus adesse, quando omnia tendunt in citissimam destructionem, si sic perdurent sine cita modificatione, haud tamen ita ut malla spes supersit, nam tunc signe malignitatis et mortis sadem forent, id quod se ita non habeat, multis a morbo maligno ad sanitatis integritatem redeuntibus.»

Claramente se vê aqui uma distincção nova entre os signaes da malignidade real e os da morte que sobreveio em consequencia d'uma aggravação de qualquer elemento da doença. Por outra, a morte do doente não implica fatalmente a malignidade nas doenças e os signaes existentes da malignidade não querem di-

zer que se não possa esperar uma prognose favorável — tudo reside n'uma marcha rápida para a destruição, sem modificação rápida também nos symptomas malignos.

De Haen vai, porém, ainda mais longe, na sua generalisação sobre a significação de malignidade; assim caracteriza elle a propria doença maligna:—«*Morbus malignus est in quo aliquando externe signa mitia apparent, dum interea destruuntur interna.*»

De Haen esforçou-se, pois, por dar uma noção clara e nítida da malignidade, e segundo diz Pinel, conseguiu-o, «porque nada mais é preciso accrescentar para se ter precisa e exacta a determinação dos caracteres distinctivos das febres malignas.» (1)

Pinel, posto que faça este elogio a De Haen, levou todavia o seu egoismo muito longe, pretendendo dizer mais e melhor.

Veremos adiante se o conseguiu.

De Stoll pouco diremos. Este author attribuia o principal papel, papel exclusivo até, ao estado bilioso, quando na febre apparecessem os caracteres de malignidade. Não admite uma febre maligna unica, sempre a mesma, «porque observou muitas febres differentes mesmo em relação aos seus caracteres de malignidade»; e accrescenta: «Febres biliosas putridas que per se utique minime malignas, varia tamen ratione in malignissimas observavi conversas, aut neglectu remediorum, aut methodo calefaciente adhibita, aut venæ sectione intempestiva et antiphlogistico apparatu.» (2)

Vê-se que para Stoll o que produz a malignidade,

(1) V. Pinel, «*Nosographie philosophique*», Paris, 1813.

(2) «Stoll, *Ephemerides*, in *Aphorismi de cognoscendis et curandis febribus*», Paris, 1787, e ainda «*Ratio medendi*», Paris 1777—80.

é, em ultima analyse, o tratamento. Sydenham, já o dissemos, tambem assim pensava.

Finalmente, para Stoll não ha signaes pathognomonicos da malignidade, a febre maligna não é especifica e a malignidade varia por assim dizer com cada doente. «Alia est in alio malignitas, etc. Sua cuivis *peculiaris* malignitas est, magna methodus therapeutica, etc.» (1)

Notamos ainda n'este periodo Dolæus, que definiu assim a malignidade — «Nec enim leonis robur, sed et serpentis astutia.» De sorte que a malignidade é mais a astucia da serpente do que a força do leão, o que nos faz para logo lembrar a outra definição não menos pittoresca que nós deu Tissot: «É um cão que morde sem ladrar.»

Emfim, Van der Linden attribue os caracteres da malignidade ás febres putridas, podendo esta malignidade provir d'uma corrupção particular e putrida dos humores: «Soboles latentis cacoehymiae pessima.»

Teremos occasião de nos referir ainda a esta questão das pretendidas relações da podridão com a malignidade.

QUARTO PERIODO

**Stahl, Hoffman, Barthez, Bordeu, a
escóla de Montpellier, etc.**

Incontestavelmente, não ha terreno mais proprio para medrarem questões da natureza da que tratamos

(1) Id. ibid.

aqui, como o terreno das doutrinas vitalistas, quaesquer que sejam as modalidades d'essas doutrinas.

Longe de nós a intenção, aliás irrealisavel, de discutirmos aqui esse systema doutrinal, que dá, entre outras muitas cousas d'igual jaez, a seguinte definição da doença: uma perturbação, uma irregularidade no governo da economia animal pela affecção da alma. Longe de nós ainda a ideia de analysarmos de perto as causas geraes da influencia d'este systema ou mesmo investigar quaes os vinculos mais ou menos estreitos que o prendem ao assumpto em questão. Para esta, tanto nos basta conhecermos como concebe Stahl a malignidade. Para este author, esta concepção de malignidade está toda nas seguintes palavras: «In malignis morbis anima obliviscitur et desipit; neque deinceps nec tuetur nec vigilat».

No seu livro «De malignitatis indole», Stahl é mais explicito; e aqui temos como predominantes os caracteres do pulso que Stahl aprecia: — «Illud debilem esse verum pathognomicum signum veræ defectivæ virium prostrationis», e mais adiante acrescenta: «Vera itaque virium defectio, repentina et quasi spontanea, cum pulsu isto debili, duplicatum malignitatis signum præbet», e referindo-se á *rara avis* de Baglivi, tira Stahl a seguinte conclusão: — «Ut adeo *rara* sit *avis* illa observatio, loquacissimorum etiam ore vulgata, pulsus sanus, urina sana, et tamen æger moritur. (1)

Ao lado de Stahl, vemos F. Hoffmann que, posto que commungue nas theorias d'aquelle, não as adopta comtudo d'um modo absoluto e em muitos pontos chega mesmo a affastar-se completamente da doutrina stahliana. Com effeito, o espiritalismo de Hoffmann ou,

(1) V. P. Flachus, «Dissertatio de malignitate às febribus», col. da Faculdade de medicina de Montpellier, e Daremberg. «Hist. des sc. medicales.»

como elle proprio designou, a sua *theosophia* está sob o dominio das causas primarias, e por isso poucas ou nenhuma relações tem com as doenças. Aqui, apenas predominam os phenomenos physicos que são os unicos que devem preoccupar o practico e n'este terreno da realidade morbida tudo se reduz em ultima analyse ao *espasmo* ou à *atonía*.

Lamentamos, e muito, não podermos haurir directamente estes dados nas fontes proprias, para convenientemente apreciarmos a concepção da malignidade. Temos por isso de nos restringir muito e fazer obra por o que escreveram authores mais modernos. Assim, no dizer de Chambon de Monteaux (1) a malignidade para Hoffmann consiste especialmente na apparição e presença dos *exanthemas*. Ora, com toda a certeza, isto não pôde deixar de referir-se a alguns exanthemas chamados malignos ou a febres exanthematicas malignas. O que é fóra de toda a duvida é que Hoffmann insistiu e muito sobre os resultados da ignorancia e da impericia relativamente á admissão facil ou á producção artificial do que se chama malignidade, e no dizer do mesmo Chambon de Monteaux o titulo da dissertação de Hoffmann, sobre este assumpto, basta para nos revelar inteiro todo o seu pensamento — «De conversione morbi benigni in malignum et per imperitiam medici. (2)

*

* *

(1) Chambon de Monteaux, op. cit.

(2) Daremberg, «Histoire des sciences midicales,» Paris, 1870.

Segundo outros authores, á frente dos quaes vemos Bordeu, toda a febre depende da desigual distribuição das forças.

Physiologista eminente e de merito incontestavel, sectario do organicismo, Bordeu offerece-nos innumeros pontos de contacto com Stahl pelo seu *humorismo* que Jaccoud judiciosamente capitula de *vital*, e reflecte ainda muito sensivelmente as ideias de Hippocrates, considerando a doença como um esforço reaccional.

Para Bordeu, esta reacção manifesta-se por uma conspiração das forças, por um concurso dos movimentos vitaes suscitados para um fim determinado e este fim é a cocção e a excreção. Tanto nos basta para mostrarmos o ponto de vista dos authores que teem considerado a noção da malignidade como derivada da natureza morbida. Esta malignidade, para Bordeu, parece residir mais especialmente nas seguintes circumstancias—quando uma doença apparentemente ligeira destroe insensivelmente as fontes da vida e dá origem aos accidentes mais graves e a maior parte das vezes causa a morte do doente, ou então quando a doença, sendo grave, se apresenta ao medico sob a apparencia d'um leve incommodo. Ila aqui alguns dos caracteres assignalados geralmente á malignidade, posto que não sejam bem explicitos. (1)

Comprehende-se bem que nós não podemos analysar aqui os principios de todas as diversas escolas. Assim, nada dissemos sobre o humorismo hippocratico e galenico, e dos seus successores, sobre o iatromecanismo de Boerhaave, sobre o animismo de Stahl, sobre o organicismo de Bordeu, sobre o vitalismo de Barthez, etc., etc. Apenas respigamos n'umas e ou-

(1) V. Bordeu, ed. Richerand, Paris, 1828.

tras o que mais de perto toca ao objecto do presente trabalho. Dois magníficos livros, citamos nós que tratam admiravelmente da exposição e critica d'estas escolas, e que nos foram d'um grande auxilio para a organização da nossa dissertação. (1)

Segundo a acção do seu principio vital, Barthez resume nas proposições seguintes a theoria das doenças malignas. «Nas doenças malignas, diz elle, o systema das forças do principio vital acha-se enfraquecido por uma verdadeira *resolução* das forças de todos os órgãos, resolução que as causas primitivas d'essas doenças produziram, acarretando a maior desordem na successão das funcções.»

Desenvolvendo em seguida esta ideia, accrescenta Barthez:

«E' muito importante distinguir este estado de *resolução* das forças do estado de simples *oppressão*, tanto máis quanto n'esta as evacuações convenientes desenvolvem por vezes muito promptamente a acção das forças radicaes que se julgavam mortas. E' pois necessario, para reconhecer uma doença maligna, examinar se a producção foi manifestamente precedida de causas graves ou por longo tempo continuadas, de que umas enfraquecessem essencialmente o systema de forças, acarretando uma grande perturbação na harmonia e successão das funcções, e de que outras, na formação primitiva d'esta doença, tivessem particularmente lesado muitos órgãos diversos. (2)

Barthez procura penetrar até á essencia do estado maligno para frizar a distincção entre a resolução

(1) V. Sprengel, «Histoire de la médecine», trad. françoza, e Daremberg, «Histoire des sciences médicales».

(2) V. Daremberg, op. cit.

e a oppressão, a primeira das quaes ataca e deprime as forças até ao seu âmago, que evidentemente representa o principio vital bartheziano, e a outra apenas as affecta parcial e apparentemente. Esta distincção, vêmol-a admittida não só pelos discipulos de Barthez, mas ainda por outros authores, que não são rigorosamente barthezianos. Estão, por exemplo, n'este caso, Trousseau e Pidoux (1). Tratando da medicação tonica nevrosthénica, dizem estes authores: «En effet, les fonctions d'un ou de plusieurs appareils peuvent offrir une prostration profonde, des desordres, un défaut d'harmonie, une incoherence de phénomènes absolument exempts de danger et sans que l'existence en soit compromise; nous n'en exceptons même pas les fonctions vitales. Mais il faut, pour cela, que la cause de ces anomalies soit indirecte et n'ait pas porté immédiatement son influence sur les forces vitales de l'économie. C'est ce qui constitue l'oppression des forces, la faiblesse et l'ataxie indirectes, lesquelles fournissent des indications therapeutiques tout opposées.» E mais adiante, continuam elles — «que la trachée-artère soit tout à coup oblitérée; qu'une des cavités du cœur vienne à se rompre subitement; qu'une luxation rapide de l'atlas sur l'axis determine une compression instantanée des bulbe rachidien: voilà la mort directe par le poumon, le cœur ou l'encéphale. Mais qu'un individu soit étendu sans vie par un coup violent reçu sur la region epigastrique, indépendamment de toute lésion appréciable de l'organisation; ou que le même effet soit produit par l'annonce d'un nouvelle funeste (et dans ces deux cas le mécanisme est le même) nous dirons que la vie, que le principe vital de

(1) V. Trousseau et Pidoux, «Traité de therapeutique et de matière médicale», Paris, 1877.

l'homme a été éteint dans sa source, qui n'est ni au cœur, ni au poumon ni au cerveau.»

E' necessario accrescentar-se que, para Trousseau e Pidoux, a localisação, a séde d'esta unidade vital, seria o nervo grande sympathico. Mais adiante, accrescentam estes authores os seguintes dados, que mais de perto tocam ao nosso assumpto: «Quelques substances vénéneuses, telles que divers poisons septiques fournis par les animaux, comme sont les venins des ophydiens, les plantes vireuses, comme le tabac, le datura stramonium, la jusquiame, etc., produisent des symptomes analogues à ceux des maladies *malignes*, et qui attestent une atteinte directe portée aux *forces radicales*.»

Finalmente, as seguintes reflexões que são uma como paraphrase do que a este respeito disse Hippocrates, merecem aqui ser assignaladas: «Le talent de savoir reconnaître une maladie maligne à son début, la pénétration encore plus précieuse qui, au milieu d'une maladie bénigne ou grave, découvre des tendances ataxiques, et par consequent en déduit l'indication positive des toniques radicaux, sont les plus admirables privilèges de notre profession, entourent le médecin d'un pouvoir et d'un respect qui semblent sur-humains, et, chose bien importante, lui inspirent de la confiance dans la puissance de son art.»

Antes do illustre professor da escola de Paris e do seu não menos illustre collaborador, já o author d'um tractado dos signaes das doenças, outr'ora muito estimado e que ainda hoje tem importancia historica, uzou, a respeito do estado e do papel das forças vitæ, d'uma linguagem que muito pouco diverge da precedente.

Referimo-nos a Landré-Beauvais. Reconhece este

author que as forças vitales nos bastam para julgarmos das mudanças e das crises de muitas doenças. Landré-Beauvais subordina a cinco denominações as modificações possíveis e apreciáveis do estado d'estas forças — 1.º o augmento ou a exaltação, 2.º a diminuição, 3.º a oppressão, 4.º a depravação ou a perversão, 5.º a suspensão ou a perda das forças limitadas a alguns dos órgãos; e tracta de distinguir a oppressão das forças do seu esgotamento e prostração, e posto que não pronuncie a palavra *malignidade* ou *estado maligno* que, desde Pinel, quasi desapareceu da technologia medica, para ser substituida pela palavra *ataxia*, não é todavia menos certo que as seguintes passagens do mesmo author se referem clinicamente á malignidade dos authores antigos: «Si, dès le début d'une maladie aiguë, les forces du malade sont très-abattues, quoique la fièvre ne soit pas fort vive, quoiqu'elle n'ait été précédée ni de douleurs fortes ni de grandes évacuations, ou a lieu de s'attendre que la maladie qui commence sera une fièvre adynamique ou ataxique. Les maladies aiguës dans lesquelles il y a un grand abattement des forces motrices joint à des symptômes anormaux, comme un délire phrénétique et un pouls petit et faible, ou une grande chaleur et la bouche sèche sans soif, sont les plus dangereuses.» (1)

Torna-se sobremaneira evidente que Landré-Beauvais refere-se á malignidade, porque encontramos na sua descripção os contrastes symptomaticos fornecidos por caracteres essenciaes a este estado particular por aquelles que o admittem sem rodeios. A ideia é a mesma, posto que variem as palavras.

Citaremos ainda Richerand, que, pelo seu modo

(1) V. Laborde, op. cit.

de vêr sobre a questão, deve também ser cotejado, a par dos precedentes, com os authores classicos antigos. Nos seus «Nouveaux éléments de physiologie» (1) propõe Richeraud uma classificação, a proposito do que elle chama *os diversos estados da dynamica animal*, considerada nas diversas doenças, e de que extractamos o seguinte quadro:

Oppressio virum — na febre inflammatoria, synocha simples (angiotenica);

Fractura virum — na febre biliar ou ardente (meningo-gastrica);

Languor virum — na febre pituitosa ou doença mucosa (adeno-meningea);

Prostratio virum — na febre putrida (adynamica);

Ataxia virum — nas febres *malignas* ou *ataxicas*;

Syderatio virum — na febre pestilencial (adeno-nervosa).

Este quadro resume perfeitamente as modificações introduzidas, n'esta epocha, na classificação das febres de Pinel.

Mas não interrompamos a successão historica, e passemos a estudar Huxham, Tissot e outros.

Quando fallamos de Sydenham, tivemos já occasião de nos referir a Huxham, que criticou fortemente o seu amigo e mestre por não saber tratar certas febres, e principalmente as febres malignas, que Sydenham não admitte em these. Apreciemos agora as ideias de Huxham.

«Si l'on voit paraître des taches noires, livides, brunes ou vertes, il est hors de doute qu'il y a malignité, etc. Plus les taches sont fleuries, moins il y a

(1) V. Richeraud, op. cit., Paris, 1802.

craindre; c'est un bon signe quand les pétéchiies noires ou violettes deviennent d'une couleur brillante; de grandes taches noires ou livides sont presque toujours accompagnées de fortes hemorrhagies, etc. Nous rencontrons encore assez souvent dans les fièvres malignes une efflorescence comme la rougeole, mais d'une couleur plus sombre et plombée, qui rend la peau, principalement de la poitrine, comme marbrée et bigarrée.» (1)

Vê-se que para Huxham o estado maligno está sobretudo na aparição das petechias.

Mas, acrescenta Huxham, «je n'ignore pas que le nom de malignité, qu'on applique à ces fièvres, est tombé depuis ces dernières années dans un grand discredit, et que probablement on s'en est souvent servi pour convrir l'ignorance ou pour exalter une cure. Mais il y a un fondement réel et naturel à une telle nomination, ou du moins pour quelque mot qui puisse distinguer la maladie que je viens de décrire d'avec la fièvre inflammatoire ordinaire. Je ne veux disputer avec personne sur les mots, mais il est nécessaire que nous en ayons pour nous communiquer nos idées, et lorsqu'ils sont bien définis, on n'a pas beaucoup de raison de chicaner dessus.» (2)

Para Huxham, pois, a palavra malignidade está bem definida, e não carece de subtilzas que a tornam mais obscura. Mas note-se todavia que, caracterizando-a quasi exclusivamente pela aparição das petechias, no curso da febre chamada putrida, e sobre tudo por certas modificações d'estas petechias, Huxham transforma d'algun modo o sentido tradicional do termo.

(1) V. J. Huxham, «Essai sur les fièvres», trad. de Glutton, Paris, 1732.

(2) Id. ibid.

Já nos referimos a Tissot. No seu bem elaborado relatório sobre a epidemia de Lausanne, (1) acham-se descriptos os caracteres symptomaticos do estado maligno. Para Tissot, os symptomas que considera como mais perigosos na doença que observou, são — o meteorismo do ventre, o sobresalto dos tendões, a perda dos sentidos, dejectões involuntarias, a erupção de petechias, a lingua secca e negra, tremores geraes, etc. Seja dito de passagem que a podridão dos humores e da bile gozam n'estas manifestações d'um papel importante, o que não é para admirar em Tissot que adopta quasi todas as ideias humoraes dos antigos.

Tambem Zimmermann acceita como incontroversa a influencia quasi exclusiva da bile e a podridão dos humores. Para um e outro, com taes ideias, não era difficil reunir n'uma mesma cousa a malignidade e estado putrido, e consequentemente as febres putridas e malignas. Isto mesmo já o vimos em Huxham.

E' n'esta epocha que o assumpto em questão suscita grande numero de discussões, principalmente na Allemanha, onde as memorias e dissertações se succedem d'um modo insolito, sem comtudo haver proveito para a sciencia e clareza para a ideia. O ponto principal da controversia era principalmente indagar se se deviam attribuir ás *febres putridas* que reinavam então, os caracteres da malignidade.

A' parte o interesse bibliographico, (2) estas elucubrações em que se entremisturam uma subtiliza ôca

(1) V. A. Tissot, «Historia epidemiae biliosae lausannensis», anno 1755.

(2) Extrahimos de Laborde as seguintes indicações bibliographicas — Wedel, «De malignitate in morbis», Ienae, 1721 — Ehler, «De malignitati morborum», Wurzburgii, 1760 — Büchner, «De gradibus malignitatis in morbis malignis», Halae, 1755 — Nicolai, «De notione morbi maligni», Ienae, 1763 — Fahner, «Epistola de dissentione medicorum quoad malignitatis notionem», Ienae, 1779 — De mesmo, «De causis et signis malignitatis», Ienae, 1779, etc., etc.

e uma confusão a toda a prova, e em que se expõem as mais grosseiras theorias, pouco ou nada devem prender a nossa attenção.

Mas, no meio d'este cahos em que se baralhavam as ideias, surge de vez em quando algum espirito *d'élite*, e n'este caso está por exemplo Baldinger que insistiu, bebendo no farto manancial da observação, sobre a distincção entre a *podridão* e a *malignidade*. Baldinger não applica o sentido da palavra malignidade ás febres putridas, e substitue-a por outra — a *ataxia*. Segundo este author, a lingua nas febres malignas é secca, ha constipação e geralmente não ha crises; nas febres putridas pelo contrario, ha diarrhêa, hemorragias, etc. (1)

Uma celebridade que se tornou notavel pela sua classificação nosologica, Sauvages, diz que os caracteres da malignidade devem ser attribuidos á phlegmasia da mucosa gastrica, phlegmasia que excede a todas as outras e que Sauvages capitula propriamente de *febris typhodes, vel remittens, maligna*.

Outros authores do seculo XVIII, fallaram ainda d'uma *doença putrida da garganta, doença maligna, ulcerosa*; e que não parece outra senão a escarlatina epidemica «a que, no dizer de Lasègue, não faltava nenhum dos caracteres, nem mesmo o imprevisto dos incidentes e a multiplicidade dos modos de terminação feliz ou fatal, e na qual, porém, a predominancia e a gravidade da angina fizeram-n'a tomar pela doença principal e primitiva.» Deixaremos, porém, estes authores que realmente nada adiantam sobre as ideias dos antigos, a tal respeito e apenas synopticamente

(1) V. Baldinger, «Opera medica», Gœttingue, 1727.

apresentaremos, em nota, algumas referencias mais salientes d'alguns d'esses authores. (1)

Ha n'este seculo uma individualidade que por si só bastaria para caracterisar uma epocha na historia da malignidade das doencas e especialmente na das febres. Referimo-nos a Borsieri.

D'uma erudição, que nem os adversarios lhe contestavam, e sobretudo fundamentado sobre uma larga experiencia, Borsieri, repudiando tenazmente as hypotheses e as theorias arriscadas e guiando-se pela observação conscienciosa da natureza morbida, estuda proficuamente este assumpto incontestavelmente obscuro e, podemos dizel-o, inoportuno até, na linguagem medica.

«Todos os authores, diz Borsieri (2) não tem a mesma opinião sobre a malignidade. Todavia a maior parte dá hoje o nome de *malignas* a estas febres que atacam insidiosa e obscuramente sob uma apparencia de benignidade e que, subitamente, sem causa conhecida, abatem as forças, perturbam a acção do coração e dos nervos e acarretam em seguida symptomas insolitos, caprichosos, bem diversos pelo character dos que apresenta uma doença simples e pura. O desfallecimento subito, imprevisto das forças vitaes e animaes, o pulso apenas febril, quasi normal, e com isto uma sêde intensa e uma sensação ardente de calor interior,

(1) Selle, nos seus «*Rudimenta pyretologiae*», admitte uma variedade maligna em cada uma das suas diversas classes de febres; Piquer, no seu «*Tratado das febres*», 1776, diz que ignora-se, e ignorar-se-ha eternamente, a essencia da malignidade; mas admitte-a todavia em doencas que aparentemente benignas são *gravissimas*; Le Roy, ligando-se á realidade dos factos, admitte *febres malignas*, e não uma *febre maligna*, e associando-se ás ideias da escola de Montpellier, divide as febres em *benignas* que nunca se acompanham de symptomas inquietadores, e *malignas*, que são sempre violentas e perigosas, etc., etc.

(2) V. Borsieri, «*Institutes de médecine pratique*», trad. de Chauffard, Paris, 1856.

eis um exemplo de malignidade; ou a sêde é nulla e a lingua secca e arida, ou ainda as forças diminuem sem causa evidente, as insomnias são custosas, uma anciedade e agitação extraordinarias cansam o doente, e estes symptomas apresentam-se com uma febre minima em quanto ao pulso e uma forma morbida leve na apparencia.»

Vê-se do que precede que a malignidade está representada com toda a clareza e sob todos os aspectos —marcha insidiosa e obscura, apparencia de benignidade, desfallecimento subito e imprevisto das forças vitaes e animaes, sem causa conhecida, symptomas insolitos, desarmonia entre certos phenomenos morbidos, anomalia no pulso, em relação à natureza febril da doença.

E' a concepção hippocratica que renasce sob formas mais nitidas, mais precisas, desvendadas de qualidades occultas e d'hypotheses grosseiras.

Para Borsieri, a propagação da malignidade por *contagio* não é constante e o estado maligno é differente do estado putrido, posto que este ultimo possa tambem complicar toda e qualquer febre.

Não ha para este author *febre* que por vezes não deixe de ser maligna — a ephemera maligna, synocha maligna, maligna quotidiana, terçã, quartã, etc.; e mesmo quaesquer doenças, taes como o sarampo, a variola, a pleuresia, etc., pôdem tomar esta fôrma, «porque a malignidade constitue a *especie* e não o *genero*.» (1)

Borsieri explica em seguida o symptoma capital que se liga à queda subita e inesperada das forças. «Não ha sómente abatimento das forças animaes nas doenças malignas, ha sobretudo abatimento das forças

(1) Borsieri, op. cit.

vitaes. Esta fraqueza revela-se pela depressão de todo o organismo, por lipothymias frequentes, facéis, por um pulso debil desde o começo, ou immediatamente inerte, ou ainda pela imagem da morte que se apresenta subita e inopinadamente.»

*

* *

Resumindo esta primeira parte do nosso trabalho, diremos:

Nascida da escola hippocratica, e mais particularmente da prognose, a noção de malignidade passou por todas as vicissitudes das theorias e doutrinas que alternadamente se succederam—umas vezes admittida em toda a sua simplicidade primitiva, outras vezes repleta de obscuridades de toda a ordem; agora repellida como erro ou inutilidade, logo rehabilitada; mais tarde accete como uma necessidade e realidade no dominio dos factos e da observação pura, depois reapparecendo graças aos progressos da medicina prática e á interpretação dos pyretologos e epidemographos dos dois ultimos seculos —, a malignidade veio refugiar-se nas doutrinas que se conservam ainda hoje fieis ás noções tradicionaes.

Epoca moderna e contemporanea

Pinel e a nosographia philosophica,
Broussais, Laennec,
escóla anatomo-pathologica

Com Sydenham, Pinel não acceita a *malignidade*, que elle considera antes como «um feliz recurso d'espíritos pouco exactos», como mascara para encobrir a ignorancia, do que como expressão real da phenomenallidade morbida. Mas é, todavia, certo que a este termo substitue Pinel o de *ataxia*, chamando *ataxicas* as *febres malignas* dos seus predecessores.

«Como não regeitar as explicações vãs e frivolas do que chamam *malignidade* nas doenças, que algumas vezes se attribue a uma dyscrasia notavel, outras a uma intemperie salino-sulphorosa do sangue, outras ainda a um humor d'uma actividade virulenta, etc.?» (1)

Desafia Pinel o mais eminente observador para que encontre no exercicio da clinica um symptoma qualquer de *malignidade* que não seja já indicado nas «Prenições» de Cos. Dos pyretologos subsequentes,

(1) V. Pinel, «Nosographie philosophique», Paris, 1818.

traça Pinel os seus quadros de febres contínuas ou intermittentes marcadas por symptomas d'origem encephalica, ou por mudanças bruscas nos phenomenos, por irregularidade de typo ou dos estadios, pela coexistencia de certas complicações, etc.; e com todos estes elementos fórma elle a febre cerebral, lenta, nervosa, inflammatoria, biliar, mucosa, etc., que todas correspondem ás febres malignas dos authores, mas que para Pinel se chamam *febres ataxicas* ou *adynamicas*. Mais particularmente, para corresponder á *febre maligna*, a sua chamada *febre ataxica*, continúa ou intermittente, como se póde inferir da synonymia que nos dá Pinel—*Typhus* (Sauvages, Cullen, etc.), *Febre maligna* (dos authores), *Febris atacta* (Selle), *Febris nervosa* (Franck, etc.), *Febre ataxica* (Pinel).

Esta febre, segundo Pinel, participa dos caracteres da febre putrida e da febre maligna, o que, como já anteriormente vimos, não é novo. (1) Mas indubitavelmente tudo isto nada accrescenta á noção que estudamos, e como muito judiciosamente observa Dechambre, (2) Pinel não faz mais do que augmentar a confusão, por isso que as novas classes de febres que elle admite, febres adynamicas e febres ataxicas, são apenas e simplesmente um desdobramento do grupo dos symptomas malignos, que assim separados não se justificam.

Mas apesar d'isto, Pinel exerceu sobre a sua epocha uma influencia realmente notavel, e as suas ideias por muito tempo prevaleceram no animo d'um grande numero d'authores.

Assim Alibert, que, n'um trabalho sobre as febres intermittentes perniciosas, se refere em muitas passa-

(1) V. pag. 39, da op. cit.

(2) Dechambre, op. cit.

gens á questão de que tratamos, posto que adopte as ideias e o methodo terminologico e de classificação do illustre nosographo, é comtudo mais explicito do que elle collocando-se francamente ao lado de Baldinger e, como este, encarando os symptomas, pelos quaes se manifesta a malignidade nas febres, como lesões mais ou menos profundas das principaes faculdades da força vital. Como Barthez, Alibert attribue a malignidade e perigo d'estas mesmas febres á irregular distribuição dos movimentos vitaes e á acção desordenada dos órgãos.

Para apreciarmos a grande importancia, que Alibert concede ás forças na producção da malignidade ou da perniciosidade nas febres, basta-nos relancear os olhos sobre o seu livro, na parte consagrada ao prognostico. Com effeito, diz ahi Alibert que é necessario «attendermos ao estado das forças vitaes, á irregularidade dos actos proprios a estas forças, como signal do principal perigo das febres perniciosas, ao desaccordo nos phenomenos sympathicos, ao modo, emfim, d'alteração das forças vitaes.» Este modo parece-lhe diverso, segundo se trata de febres ataxicas, que mais particularmente se referem ás malignas, ou de febres adynamicas. N'aquellas, a desordem residiria principalmente nos phenomenos que são devidos á sensibilidade, ao passo que estas tendem especialmente a alterar a motilidade. (1)

Seja como fôr, o que é certo é que ainda não se romperam os elos da cadeia da tradição, que apenas passou por modificações intrinsecas inherentes ás len-

(1) V. Alibert, «Traité des fièvres intermittentes pernicieuses», Paris, 1804.

tas evoluções da sciencia para o progresso, que é a sua suprema aspiração.

*
* *
*

Mas na vasta tela das discussões scientificas, surge um novo reformador que por instantes avassalou os espiritos. Referimo-nos a Broussais. Embora de grande alcance, não podemos nós aqui fazer a analyse da escola de Broussais, por isso que necessariamente tinhamos que nos affastar muito do nosso assumpto, do que nos inhibe a tarefa que nos traçamos. Para avaliarmos bem do modo de pensar de Broussais e dos seus partidarios, basta-nos-ha transcrever as seguintes palavras, que perfeitamente synthetisam a concepção da malignidade, n'esta escola: «Durante vinte annos, diz Devay, um professor julgar-se-hia deshonrado no conceito dos seus discipulos, se por acaso nas suas lições deixasse escapar a palavra malignidade. Effectivamente, o auditorio acolheria esta expressão com o mais pronunciado desdem.» No emtanto, não é menos certo que Broussais e a sua escola inscientemente tocaram na questão de malignidade. E senão vejamos: «Les gastro-entérites aiguës qui s'exaspèrent arrivent toutes à la stupeur, au fuligo, à la lividité, à la fétidité, à la prostration, et représentent ce qu'on appelle *fièvre putride, adynamique, typhus*; celles dans lesquelles *l'irritation du cerveau* devient considérable, qu'elle s'élève ou non au degré de la phlegmasie, produisent le délire, les convulsions, etc., et prennent le

nom de *fièvres malignes, nerveuses, ou ataxiques.*» (1)
etc.

*
* *

Não tardaram, porém, os trabalhos de Laennec a absorver a atenção dos espiritos, abrindo-lhes um novo caminho d'investigações.

Os progressos da semeiologia não se avantajavam aos da anatomia pathologica, d'onde a tendencia para referir e ligar as manifestações symptomaticas, á *lesão* do órgão, tendencia tanto mais fatal quanto contraria á noção e á questão da malignidade.

Por outro lado, applicados á investigação paciente das alterações organicas localisadas, incessantemente curvados sobre o cadaver, alienando-se, por assim dizer, de tudo que os rodeava, os sabios d'essa epocha não tinham sequer um minuto para se occuparem com questões d'esta natureza; e o resultado, no que diz respeito á malignidade, devia ser, como effectivamente foi, conglobar n'uma determinação anatomica mais ou menos nitida todo o conjuncto symptomatico e etiologico, que, segundo os authores, constitue a malignidade, e subordinar este conjuncto a alterações organicas mais ou menos constantes. Tal é o grande trabalho d'esta epocha. Bouillaud completa o quadro para as febres em geral, collocando por toda parte e sempre a alteração organica ao lado do symptoma, mostrando o nexa que as une como a causa ao effeito, e subordinando a classificação á natureza anatomi-

(1) V. Broussais, «Examens des doctrines médicales», Paris, 1847, e Deremborg, op. cit.

ca da lesão. Proust, Pétit, Serres e outros haviam já fixado a constancia e os caracteres das lesões intestinaes nos casos de febres graves, mucosas, gastricas, adynamicas, ataxicas. (1) Tinha-se encontrado esta relação e tudo então tendia a operar a unificação, gloria que cabe ao professor Louis, que, segundo a expressão d'um dos seus discipulos, «reduziu à *unidade*, febre typhoide, quasi toda a pyretologia». (2) Eis aqui em summa em que veio a dar tudo o que se refere á malignidade nas doenças.

D'ora avante, os vestigios d'esta modalidade encontram-se apenas na synonymia dos tratados de pathologia interna; apenas nas descrições symptomaticas e nas diversas modalidades admittidas e constituidas pelo predominio de tal ou tal accidente, de tal ou tal função lesada, é que se descobrem os symptomas ou os signaes do estado maligno tradicional. Estas modalidades representam-n'as principalmente os termos *ataxia* e *adynamia* emquanto aos symptomas, *anomalía* emquanto á marcha irregular da doença, e *gravidade* emquanto ao prognostico. Do derrocar d'este edificio de muitos seculos subsistem apenas o estado pernicioso e a perniciosidade, que definitivamente são a expressão do estado maligno e da malignidade nas febres intermittentes.

Depois d'isto é facil comprehender que tal palavra tenha quasi desaparecido dos tratados de pathologia: mas não nos antecipemos.

Mérat, no seu artigo sobre a malignidade (3) reflecte as ideias preponderantes do seu tempo.

(1) V. Proust, «La médecine éclairée par l'observation et par l'ouverture des corps», Paris, 1804.

(2) V. Grisolle, «Traité de pathologie interne», Paris.

(3) V. «Dict. des sc. méd. par une Société de médecins et de chirurgiens», vol. XXX, Paris, 1818.

«Em medicina, diz Méral, dá-se o nome de malignidade a symptomas ou a doenças que, sob uma apparencia de benignidade, ou pelo menos, d'uma intensidade mediocre, são comtudo perigosas e muitas vezes seguidas de morte; são affecções insidiosas que enganam quem as observa; é, segundo a expressão de Tissot «um cão que morde sem ladrar, etc.»

Mais adiante Méral regeita o termo malignidade, e eis a razão porque e como: «D'esta vaga expressão, resulta que devemos excluir tal termo da linguagem exacta da medicina, pois que apenas representa ideias pouco coherentes e pouco certas. Só poderia ser conservado, ligando-se-lhe um sentido exacto e bem conhecido, adoptado por todos os práticos.» «Esta expressão, accrescenta Méral, é tanto mais perigosa, quanto é certo que ella traz consigo a ideia d'um tratamento que pôde ser prejudicial em muitos casos. E' n'este sentido que disseram que-a malignidade matou mais gente do que a peste.»

Finalmente, Méral, no fim do seu artigo, conclue pelo ridiculo e pela satyra, servindo d'echo às celebres palavras que a tal respeito pronunciava Corvisart nos seus cursos: «Ceux qui voient tant de malignité ne sont pas bien malins», ou ainda: «il y a des maladies qui ont plus de malignité que leur médecin»; mas antes de deixarmos Méral, frisemos bem o seguinte periodo, que encerra em si o nosso programma: «Il faut dans les auteurs étudier le sens dans lequel ils l'emploient (le mot malignité), pour profiter de ce qu'ils rapportent des maladies malignes.»

A estas palavras pôdem accrescentar-se ainda as dos authores do «Compedium de medecina», que rematam assim a questão: «N'insistons pas plus long temps sur une dénomination qui n'a jamais eu aucun

sens précis, et qui est entièrement abandonnée aujourd'hui.»

*

* *

A par d'esta reprovação geral, alguns ha todavia que se conservam fieis á tradição medica, sem repudiá-la por isso as acquisições do progresso, e que emitiram juizos favoraveis á noção de malignidade.

N'um trabalho notavel, Jaume (1) apresenta-nos, d'uma fôrma concisa mas nitida, um quadro completo da malignidade, tal qual a comprehendem os diversos authores, e dá-nos uma critica motivada, a seu vêr, por abusos, confusões, erros, etc., que tanto a palavra como a ideia suscitaram desde muitos annos.

Tambem F. Devay, a quem já tivemos occasião de nos referir anteriormente, n'uma magnifica memoria «Sur la malignité dans les maladies fébriles et particulièrement dans les fièvres continues», publicada na «Revue médicale», (2) trata d'este assumpto, dominado pelas ideias tradicionaes e vitalistas da malignidade, memoria que, á parte o lado doutrinal, encerra vistas e preceitos excellentes de medicina practica. Além d'outros, temos ainda L. G. Bos, Recamier, e tantos outros que marcam esta epocha.

Récamier, sobretudo, posto que prefira ao termo malignidade o d'ataxia, o que realmente não tem importancia se nos lembrarmos que sob a influencia de Pinel esta troca de palavras nada significa, Récamier,

(1) V. Jaume, «Tableau analytique de la malignité considérée comme élément essentiel», th. Montpellier, 1817.

(2) V. «Revue médicale», journal du progrès, etc.; t. I e II, Paris, 1843.

diziamos, estudou esta questão, de que principalmente se occupa quando estuda o tratamento do cancro. (1)

Dominado pela ideia de força ou de resistencia vital, Récamier diz que ha algumas febres que affectam a vida nas suas fontes mais vivas e a estas febres chama elle *biosicas*. «Nas febres biosicas ataxicas, a resistencia é viva ou morosa, porém essencialmente fraca e propensa a extinguir-se qualquer que seja a fórma sthenica ou asthenica dos phenomenos que se desenhnam vigorosa ou fracamente e que não teem entre si relações algumas exactas. A marcha é incoherente, as terminações são longas; a acção dos agentes morbificos, quer para bem, quer para mal, não está em proporção com a sua quantidade apparente e com os phenomenos produzidos.»

Récamier dá d'estes phenomenos um quadro, em que se destacam os traços essenciaes, tantas vezes attribuidos á physionomia symptomatica da malignidade —«sentimento d'um frio glacial alliado ao de calor, calor mais forte com pulso mais fraco, um frio excessivo dando lugar a um calor ardente, a moderação e a regularidade apparente dos phenomenos durante os primeiros periodos da doença, a sua gravidade fatal e imprevista n'uma epocha mais avançada, sem causa evidente e sobretudo proporcionada, etc.» (2)

Todos estes caracteres, na opinião de Récamier, pertencem ás febres lentas nervosas; ora, como por vezes já dissemos, febre lenta nervosa e febre maligna teem sido consideradas pelos authores como synonymos e é sobretudo áquella que mais particularmente se attribue o privilegio da malignidade.

Posto que já nos tivéssemos referido a Trousseau

(1) V. Récamier, «Recherches sur le traitement du cancer», Paris, 1829.

(2) V. Récamier, op. cit.

e Pidoux, de novo tocamos n'estes authores, para accentuarmos bem as condições dynamicas de resistencia vital favoraveis á producção de syndromas morbidos taes como a que examinamos.

No seu excellente artigo sobre a medicação tonica nevrosthénica, é que estes authores, para chegarem ás indicações therapeuticas, estudam a febre intermitente e a perniciosidade; mas não repugnam empregar n'estas bem elaboradas paginas a palavra malignidade.

Quando pela primeira vez appareceu o cholera na Europa, trazido nas pandas azas dos ventos do Levante, todos os espiritos sem duvida deviam preoccupar-se não só com a terminação rapida e quasi constantemente fatal d'esta doença, mas tambem com certas formas mais insidiosas, de caracteres symptomaticos mais imprevistos, e a ideia de malignidade, desprezada, esquecida, despertou-se de novo em alguns espiritos que approximaram esta modalidade morbida d'algumas pyrexias graves.

Entre muitas, appareceu uma memoria de Maticé, em que este author faz *Considerações sobre a forma insidiosa do cholera, os caracteres da malignidade, e algumas indicações therapeuticas*. (1) Para Maticé, a malignidade consiste «nos signaes que indicam a proxima cessação da vida no momento em que, n'um certo numero de casos, o perigo parecia ainda affastado ou mesmo não existir.»

N'esta mesma epocha, e occupados com o mesmo assumpto, M. Lévy e Rostan dão como indicio grave da doença a presença d'albumina nas urinas.

Um dos mais eminentes professores da Faculdade de Medicina de Paris, Chauffard, é o depositario das

(1) V. «L'Abeille médicale», oct. 1843. Paris.

vistas de Borsieri sobre a malignidade nas doenças, porque, no dizer do mesmo Chauffard, «Borsieri é o puro interprete da bella antiguidade medica e o unico que fixou o estado maligno em termos que são um digno commentario ao ensino hippocratico e que o completam.»

«A vida commun, diz Chauffard (2), realisa-se pela coordenação incessante d'elementos diversos, por uma conspiração commun e regulada, por um encaudamento ordenado de funcções que não soffrem interrupção nem repouso. O seu character mais eminente pôde resumir-se n'estas palavras—harmonia, equilibrio, estabilidade. Estes caracteres devem reflectir-se e mesmo augmentar nos movimentos medicadores da natureza. E' preciso que uma reacção apresente o conjuncto fiel e a continuidade dos phenomenos que pertencem á vida commun; que a successão e a convergencia dos actos anormaes recordem as dos actos normaes; é preciso que entre todos os symptomas que sahem como consequencia do fundo poderoso da vida commun, haja harmonia, concordancia, relações reciprocas d'evolução, serie não interrompida e regulada. Com estas unicas condições, as reacções apresentadas serão regulares, seguras na sua marcha, até attingir o seu fim.

«Se faltarem estes caracteres, se no seio das manifestações reactivas houver profundos desaccordos, se o seu conjuncto fôr perturbado e desunido; se taes phenomenos forem muito pronunciados n'um sentido, se faltarem ainda outros que devem marchar conjunctamente, ou caminharem n'um sentido opposto; se mudarem de tendencia, de natureza, subitamente, e

(2) V. Chauffard, op. cit.,

sem que a arte ou as circumstancias ambientes intervenham; se uns desaparecem ao mesmo tempo que outros se exaltam; se as progressões desejadas e a ordem habitual da evolução morbida se perturbar, s'inverter ou s'interromper de repente e sem razão sufficiente, a reacção é mal sustentada, fracamente constituida nos seus elementos neccessarios, gravemente compromettida, a ponto de succumbir inesperadamente. E' o estado designado pelos antigos sob o nome de *malignidade*. A malignidade é tanto mais temivel e a extincção vital tanto mais proxima, quanto mais profundas forem a desharmonia e a inconstancia dos phenomenos de reacção e quanto mais affectarem actos directamente ligados á vida commum, ás funcções elementares da nutrição, ás secreções organicas, aos movimentos intimos de composição e de decomposição».

Vê-se em ultimo analyse que Chauffard adopta a noção hyppocratica, que elle commenta e s'esforça por explicar n'estas palavras. Não tentamos apreciar a ideia doutrinal que no fundo se revela no que deixamos transcripto. O que convem notar e reter, n'esta passagem, é que, para que o estado maligno exista e se constitua realmente, não é preciso que «a arte ou as circumstancias ambientes intervenham.» Assim se eliminam da noção de malignidade as influencias causas externas, quaesquer que sejam, incluindo mesmo as influencias epidemicas.

E', pois, só e unicamente no individuo vivo, no proprio seio da vida, que é preciso buscar não só as causas como tambem os signaes da malignidade; é, para dizer tudo, na espontaneidade morbida que reside este estado particular, que se manifesta no curso da doença. Indicando finalmente como expressão predominante da malignidade a affecção directa e mais ou

menos profunda das funções nutritivas e secretoras, Chauffard dá d'alguma fôrma um substratum mais exacto a este estado, que veremos por isto e assim encarado ter intimas relações com os chamados phenomenos criticos que mais expressamente se referem a estas funções.

Ao lado de Chauffard, collocam-se outros authores não menos eminentes, cuja authoridade é realmente importante, sob o ponto de vista que nos occupa. Entre outros, merece-nos especial menção Jaccoud. A interpretação que este author nos dá da malignidade deve prender por instantes a nossa attenção.

Fallando da variola, diz-nos Jaccoud: «E' um erro ligar a ideia do perigo só á variola confluenta; ha uma fôrma de variola discreta que é tão grave como a confluenta e na qual se deve sempre pensar, em presença d'um exanthema variolico que caminha mal—esta fôrma é a que foi descripta por Borsieri sob o nome de variola discreta *maligna*», e citando os traços symptomaticos essenciaes a esta forma, accrescenta Jaccoud: «Os symptomas perigosos do periodo prodromico persistiam e esta persistencia indicava claramente que a erupção não estava ainda concluida, e como esta apenas progredira n'um dia, tratavamos d'um d'estes casos inquietadores, em que o organismo é impotente para effectuar a determinação cutanea». (1)

Procurando em seguida as condições que podiam e deviam presidir a esta anomalia, Jaccoud encontra-as todas no proprio doente e nas disposições actuaes do seu organismo. «Em pouco tempo, estava o doente exausto de forças, e succumbia apenas no começo da doença. Pois bem, é a estas condições extrinsecas par-

(1) V. Jaccoud, «Leçons de clinique médicale», Paris, 1874.

ticularíssimas que attribuo a fôrma e a marcha anormaes da variola; não é em virtude d'uma propriedade perniciosa, *sui-generis*, que a doença é maligna; se a sua terminação é para temer, se a marcha é desregrada, é unicamente em razão das más condições do organismo atacado por ella. Exhausto moral e physicamente, o individuo torna-se impotente para completar o trabalho anormal que se lhe impõe e eis tudo. N'estes dois casos, pois, a concepção figurada que attribue ás doenças malignas um mau character, *morbus mali moris*, não se realisa. Quanto a mim, estou inclinado a transportar da doença ao doente esta formula tão cara aos antigos; sendo a doença uma operação completada pelo individuo vivo e não por um ser creado fôra d'elle e que o surprehende com um character d'antemão constituido, concebo perfeitamente que um mau organismo execute uma operação má e seja insufficiente para completamento; mas concebo menos facilmente que um ser ficticio, que não tem existencia real senão no doente, possua fôra d'elle um character bom ou mau.

Não é a potencia fatal d'um genio maligno que quebrantou este doente, mas sim e unicamente o seu organismo que não estava forte bastante para completar regularmente a operação suscitada n'elle pelo veneno variolico.»

N'estas palavras, encontra-se a expressão levemente disfarçada, sob certas variantes que pertencem sobre tudo á linguagem moderna, da ideia do exôrço reaccional attribuido á doença ou ao organismo em poder da doença, e consequentemente a expressão da ideia tradicional. Effectivamente, que quer dizer o organismo impotente para effectuar a determinação cutanea? que quer dizer o individuo impotente para com-

pletar o trabalho anormal que lhe é imposto? que quer dizer um organismo exausto de forças e incapaz de completar regularmente a operação n'elle suscitada pelo veneno variolico? E esta mesma operação, que significa? Esta operação, diz Jaccoud, não é outra cousa senão a propria doença, «sendo a doença uma operação completada pela individuo vivo.»

Acceitamos completamente esta interpretação e esta linguagem perfeitamente medica, mas ainda assim com algumas reservas relativamente á attribuição muito exclusiva dada ao organismo ou ao individuo de realizar só por si e fóra d'outra qualquer influencia as condições do estado maligno e anormal.

*
* *
*

Posto isto, estudemos a malignidade comparada com os estudos pathogenicos modernos. Na linguagem scientifica moderna, o termo *anormalidade* parece corresponder á malignidade, e este termo, desde Sydenham, tem sido particularmente consagrado á variola.

Mas vão mais longe do que substituir palavras as intenções e as pretensões da sciencia moderna; o que ella quer substituir por estas ficções, por estas abstrações estereis, são os resultados positivos da observação e da experimentação. Provida e armada com os processos d'investigações mais poderosos e cada vez mais aperfeiçoados, associando os inexgotaveis recursos das sciencias physicas, chemicas e naturaes aos esforços incessantes da observação pura, appoiada sobre as acquisições fecundas da anatomia e da physiologia pathologicas, da physiologia normal e

da medicina experimental, a sciencia caminha resolutamente para o futuro, em busca do mecanismo intimo dos phenomenos morbidos constitutivos das doencas. Não sómente, procura penetrar a trama dos órgãos e os elementos mais tenues dos tecidos d'esses órgãos, para descobrir n'elles as alterações e os desarranjos materiaes que ali opera o trabalho morbido, como tambem esforça-se por desvendar e apanhar os vínculos que unem entre si a lesão, o symptoma e a causa—eis ali as tendencias essenciaes da sciencia moderna.

Pois bem, n'estes immensos e innegaveis progressos, o que descobriu a sciencia que prejudique a concepção da malignidade, e que nos mostre que esta concepção é d'ora avante inutil, inopportuna, e reductivel ás noções pathogenicas mais positivas?

Vejamos. Do lado do systema nervoso, desvendou a anatomia pathologica alterações que espargem nova luz sobre phenomenos d'antes inexplicados: o delirio, as convulsões, a maior parte dos symptomas propriamente cerebraes que acompanham as pyrexias, por exemplo, a variola, acham indubitavelmente uma razão de ser na existencia d'uma meningite por propagação, d'uma meningo-encephalite, d'uma phlebite suppurada ou não suppurada dos seios cerebraes ou dos vasos venosos opthalmicos e frontaes, e entretanto o delirio agudo nas pyrexias pôde sempre e positivamente ligar-se a uma lezão organica, material.

É igualmente espesso o véu que cobre as alterações anatomicas do grande sympathico, que, na opinião de Trousseau e Pidoux, como já dissemos, é a séde das synergias dynamicas, cujas lesões ligar-se-hiam á ruptura, á desordem, á desharmonia das forças vitaes radicaes.

Entretanto, o effeito das localisações das lesões encephalicas, illuminado pelos dados de physiologia normal, dá igualmente o seu contingente d'explicações, não sómente ao mecanismo e á natureza de certos accidentes, taes como paralyrias, convulsões, delirio, etc., mas ainda á subitaneidade e ao imprevisto d'esses accidentes—taes são particularmente os *raptus* hemorrhagicos tão intimamente ligados a certas fórmulas de pyrexias ou de doenças geraes graves visinhas d'aquellas, mas completamente assimilaveis.

O estudo das coagulações sanguineas e das suas condições, quer *in situ*, quer em migração nos canaes vasculares, não dará a razão as mais das vezes sufficiente de certos phenomenos dos mais graves, como apoplexias, gangrenas, etc., algumas vezes imprevistos por causa da sua subitaneidade, e que se poderiam dizer insidiosos se se não conhecesse tanto a causa anatomica como o mechanismo morbido? E ainda nas pyrexias, não se acha, nas acquisições recentes sobre as alterações do musculo cardiaco, na variola principalmente, e nas alterações do systema muscular em geral, d'uma parte um laço entre as lesões e os desfallecimentos subitos, as lipothymias, as syncopes rapidamente mortaes, d'outra, a justificação da alteração das funcções motoras geraes e de certas hemorrhagias parciaes e disseminadas? Estas ultimas não terão uma razão de ser nas alterações tão bem estudadas do tecido e dos elementos dos canaes vasculares?

Em hematologia, nas alterações do sangue, quer quantitativas, quer qualitivas, quer na sua adulteração por productos extranhos, temos nós uma abundante messe de factos e resultados. E senão vejamos. Nas alterações de quantidade, temos anemias geraes

que affectam as forças vivas de todo o organismo e poem-n'o em condições favoraveis de receptividade e gravidade morbidas; anemias locaes, sobre tudo aptas pela sua localisação nos centros nervosos para produzir symptomas subitos e spasmodicos, taes como vertigens, *ictus* apopleticos, convulsões, etc.

Nas alterações de qualidade, quer por modificações intrinsecas dos elementos proprios que entram na composição do sangue, quer pela introdução n'este de materias extranhas, vindas já do organismo doente, já do exterior, temos no primeiro caso alterações do sangue que as indagações directas e positivas mostram consistir n'uma diminuição da fibrina ou *hypinose* e que parecem caracterizar, no que diz respeito ao liquido sanguineo, os estados chamados *putrido* e *adynamico*, estados que tão de perto tocam a malignidade, que se acham constantemente confundidos nas designações dos authores; no segundo caso, temos a pyoemia, a septicemia, as toxemias de toda a especie, factos na tella da discussão ainda não resolvidos, e em evolução para o progresso, mas cujo estudo deu já resultados que rapidamente vamos resumir.

Pus ou materias purulentas, productos septicos, detritos de productos organicos desenvolvidos e elaborados nas suas diversas phases n'um órgão ou n'um lugar qualquer do organismo, são reabsorvidos; o que se segue d'aqui? Dois resultados quasi sempre simultaneos e solidarios—desordens geraes cuja traducção symptomatica tem manifestações constantes, representadas pela denominação geral de *infecção purulenta* ou *putrida* e, no terreno doutrinal, *febre purulenta*, etc.; effeitos locaes, em seguida ao transporte circulatorio e ao deposito d'uma maior ou menor quantidade d'esses productos ou d'esses detritos em visceras, e

d'ahi a provocação d'um trabalho morbido novo e consecutivo.

A theoria da septicemia e da pyoemia originou recentemente, no dominio pathogenico, applicações que se referem directamente ao nosso trabalho: vamos expol-as.

No seu livro «Étude sur les causes de la mort dans la variole», Huchard reduz estas causas ao seguinte: 1.º septicemia primitiva e virulenta, 2.º septicemia secundaria e asphyxia cutanea. O primeiro modo refere-se aos dois primeiros periodos, invasão e erupção. «O que então cria o perigo, diz Huchard, é uma alteração primitiva do sangue pelo virus, a qual attinge o seu maximum nas variolas hemorrhagicas, determina clinicamente os symptomas d'uma verdadeira anoxemia e anatomicamente as lesões d'uma steatose generalisada, em seguida á morte physiologica do globo sanguineo. Além dos seus attributos steatogenicos, o virus da variola possui ainda propriedades phlogogenicas que affectam especialmente o systema muscular e que, estendendo-se ao myocardio nas variolas graves, podem dar logar aos accidentes ordinariamente mortaes da paralysis cardiaca.»

O segundo caracteriza os dous ultimos estados da doença, suppuração e vesicação; a alteração sanguinea consecutiva á primeira, que então se realisa, é devida á reabsorpção das materias da suppuração, e traduz-se pela suppressão mais ou menos completa das secreções excrementicias e respiratorias da pelle, (asphyxia cutanea) e pelos phenomenos mecanicos d'asphyxia respiratoria pulmonar.»

Em summa, as causas da morte na variola resumem-se n'estas duas palavras *septicemia* e *asphyxia*.

D'um modo geral, estes dois termos exprimem

uma realidade, sob o ponto de vista dos mecanismos da terminação da doença. Onde estão, porém, as provas ou os attributos d'esta septicemia virulenta primitiva? Diz Huchard que estão nas alterações do sangue, e subordina-as do modo seguinte: diminuição da plasmína concrecível (fibrina) e simultaneamente hypermineralisação do plasma, alterações physicas dos globulos, taes como agglutinação, alongamento, deformação estrellada; paralyisia e desoxigenação dos globulos e consequentemente anoxemia.

Serão essas alterações do sangue peculiares á variola e ás doenças virulentas em geral? Huchard responde pela negativa e approxima-as das que são devidas a certos venenos, taes como o oxido de carbonio, o acido chlorhydrico, etc.

Conclue-se de tudo isto que o virus variolico actua á maneira dos venenos.

Quanto á septicemia secundaria que em parte não é senão uma pyoemia, não nos parece contestavel, pelo menos no que diz respeito á parte que este estado morbido geral toma em certas determinações graves e na terminação fatal das variolas confluentes. Quanto ao resto, termina assim Huchard: «Em relação ao desaccordo que, em todos os casos de variolas *malignas* se notam entre as lesões anatomo-pathologicas e o estado geral, julgamos estar mais proximo da verdade, dizendo que um desaccordo existe sómente entre a nossa ignorancia e a sciencia.»

O que se dá com a variola, dá-se tambem com a febre typhoide; como aquella, esta tem as suas alterações anatomicas, cuja descoberta constitue um dos grandes acontecimentos da nossa epocha; a sua constancia e séde n'uma vasta superficie mucosa e em órgãos essenciaes á assimilação nutritiva, fornecem em parte

a razão de certos phenomenos symptomaticos da doença e de certas modalidades d'esses phenomenos explicaveis pela reabsorção septica, que ahi é das mais facéis. No periodo inicial, porém, em que se não desenvolveram ainda essas alterações, como interviriam ellas na genese dos accidentes e na sua interpretação pathogenica? É, pois, preciso ainda aqui pedir auxilio a uma septicemia primitiva, virulenta ou não. Esperemos pela ultima palavra, que a sciencia ainda não pronunciou.

Em face da theoria septicemica, colloca-se a dos germens ou theoria parasitaria, que explica os attributos virulentos, contagiosos e infecciosos das doenças, pelo desenvolvimento autochthono ou heterochthono de parasitas animaes e vegetaes no organismo humano, e particularmente no sangue. Para os primeiros, são os infusorios do genero bacterium, bacterias, bacterides, vibriões, etc., que interveem n'essas determinações morbigenas: para os segundos, são os vegetaes microscopicos, *as palmellas*, por exemplo, em certas condições telluricas, que explicam, segundo Salisbury, na sua doutrina pathogenica, pela sua penetração no organismo, a causa immediata da infecção palustre e das febres da malaria. Salisbury acha esses vegetaes nas urinas dos doentes, e chega a provocar a febre com os seus typos mais ou menos accentuados, realisando as condições d'introdução no organismo d'esses chamados vegetaes infecciosos. Mais ainda para Salisbury, a propria syphilis entra no dominio da sua theoria parasitaria vegetal, e a causa d'esta infecção e contagio reside na presença de novas especies d'algas microscopicas, de que elle dá a descripção. (1)

(1) V. Salisbury, «Causes des fièvres intermittentes», trad. de Perrier, in «Revue des cours scientifiques», nov. 1869.

Quantos novos horisontes se rasgarão ainda para esta questão! A thermomotria clinica trouxe novos dados á descripção nosologica, ao diagnostico, e ao prognostico; e por este lado, ella intervem efficazmente na determinação do conjuncto de signaes mais positivos. A analyse das urinas abriu-nos uma fonte preciosa de indicações de primeira ordem para o conhecimento completo dos estados morbidos, da sua genese, etc.; e no que diz particularmente respeito aos signaes perigosos e que outr'ora podiam passar por insidiosos, bastar-nos-ha notar os caracteres tirados da presença d'albumina nas urinas, sangue e outras materias extranhas á sua composição normal, materias septicas ou simplesmente purulentas, etc.; as modificações que arrastam o syndroma *uremia*, a presença de certas partes constitutivas da bile, e n'este ultimo caso, na mesma ordem de factos, assignalamos a presumida influencia d'esses elementos biliares, notavelmente dos acidos sobre os globulos sanguineos, e a theoria pathogenica que se liga ás *ictericias graves*, tambem chamadas malignas. Para esta gravidade ou para esta malignidade, concorrem as alterações tão bem conhecidas do apparelho hepatico—atrophía aguda, degmerescencia gordurosa, abcessos metastaticos ou autochthonos, etc.

Fallemos ainda, antes de terminar, de G. Bacelli. Estudando a perniciosidade nas febres da malaria, dá-nos G. Bacelli uma theoria anatomo-physiologica fundada sobre as modificações do que elle chama a pequena circulação abdominal. Sem entrarmos n'uma analyse minuciosa d'esta theoria, colhamos comtudo alguns dados sobre a perniciosidade, que no fundo não se affasta da noção de malignidade.

«O individuo, diz Bacelli, faz da perniciosidade

um facto complexo; porque, sem fallar da sua resistencia, que é uma defeza contra o influxo pernicioso, as suas predisposições, o seu estado actual, os restos das doenças passadas pôdem de maneiras differentes dar origem a um symptoma, a uma força morbida que, posto que gerada pelo character especial do individuo, não seria revelada senão fôra a influencia da malaria.» (1)

«Todo o enfraquecimento, continua Bacelli, da força organica torna os individuos mais expostos á influencia morbida e augmenta a sua receptividade para a febre.» Sob o ponto de vista do typo febril, a perniciosidade para Bacelli, reside na *subcontinuidade*, como já o pensava Borsieri. Emfim, a proposito das *febres larvadas*, nota Bacelli que se acha em presença d'um facto de perniciosidade independente da intensidade da causa, mas ligado a *disposições occultas*, a condições individuaes ou a um conjuncto de razões extranhas á potencia infecciosa, etc.»

Vê-se que a noção de malignidade está inteira e implicitamente incluída n'esta linguagem.

(1) V. Guido Bacelli, «Leçons cliniques sur la perniciosité», trad. de L. Julien, Paris, 1874.

Concepção geral da malignidade nas doenças, segundo a tradição e a sciencia moderna

Depois dos desenvolvimentos historico-criticos que muito rapidamente deixamos esboçados, vamos resumir em seguida, n'um quadro synthetico, a nossa analyse que, tanto quanto coube em nossas forças, esforçamos por fazer completa. Se o conseguimos ou não, fica á sabia apreciação do illustradissimo jury avalial-o.

É no terreno das doutrinas vitalistas, e no da tradição que estas doutrinas vão buscar o seu ponto d'apoio, que a noção de malignidade tem a sua razão de ser; ella oscilla ainda no terreno de que se julga poder chamar o positivismo anatomico e physiologico. Será a malignidade absolutamente incompativel com os erros e os progressos reaes d'este ultimo?

A concepção da malignidade é, para empregar a linguagem philosophica, adequada á concepção da doença. Ora é necessario entender esta no sentido *d'um esforço reaccional da natureza viva*, esforço primitivamente regular, procedendo do consenso harmo-

nico de todas as funções vitaes, caminhando para um fim commum — o restabelecimento de equilibrio interrompido. É necessario, diziamos, referir-se a este modo de conceber a doença, qualquer que seja a verdade, para igualmente conceber as condições de desordem, d'irregularidade, de desharmonia no consenso morbido, de subitaneidade, do imprevisto, do insidioso, etc., condições que constituem a malignidade.

Mais ainda; não basta a consideração das desordens funcçionaes propriamente ditas para abraçar completamente, no sentido tradicional a concepção do estado maligno; é necessario penetrar mais profundamente no dynamismo d'estas funções e fazer intervir as *forças*, cuja harmonia e synergia mantem o seu estado de equilibrio d'ellas.

As forças, na linguagem vitalista, e sobretudo na linguagem de Barthez tem uma ordem hierarchica: umas, forças *radicaes*, que directamente se põem em jogo para a producção da malignidade; outras, forças animaes, organicas ou de relação, que não se impõem senão accessoriamente. Por mais extranha que pareça esta linguagem, é comtudo preciso referirmo-nos a ella, para fixar na sua verdadeira accepção tradicional e por assim dizer na sua individualidade propria o termo malignidade.

Esta noção não deve comportar a idéia d'accidentales intercorrentes; e quanto á complicação, ella não deve ser entendida e admittida n'este sentido, senão quando faça parte integrante da doença primitiva sujeita á malignidade e que não venha ajuntar-se apenas como epifenomeno.

Malignidade não é *gravidade*; é mais do que isso; a malignidade contém necessariamente a gravi-

dade, mas pôde todavia haver gravidade sem que haja malignidade. (1)

Posto que a *perniciosidade* pareça representar a malignidade na febre intermittente palustre, ou na malária, e posto que muitos authores as confundam n'este caso, alguns ha que admittem uma variante entre estes dois termos, de tal sorte que certos caracteres de malignidade confundir-se-hiam com a propria perniciosidade; por exemplo, Torti.

Outros, como Jaume, separam absolutamente a malignidade da perniciosidade.

A ataxia e a adynamia que, na linguagem moderna, substituíram a malignidade, não poderiam, no sentido tradicional, confundir-se com ella, se bem que uma e outra possam conter-se no estado maligno: na ataxia, posto que haja igualmente irregularidade e des-harmonia, «a desordem não affecta essencialmente a vida commun», (2) e se a affecta é secundariamente; fere mais de preferencia as funcções chamadas da reacção, e não as forças radicaes que essencialmente constituem a vida; a adynamia realisa-se quando as forças radicaes, apoio forçado da vida commun e geral, s'esgotam e succumbem, d'onde se segue que o estado maligno domina e arrasta o estado adynamico, mas está fóra d'este e não é constituido por elle. A distincção que Jaccoud estabelece entre adynamia primitiva e adynamia secundaria, leva-nos a concluir que só a primeira equivale à malignidade dos antigos e dos vitalistas.

Encarada nas suas relações com a etiologia, a malignidade arrasta a consideração capital do doente, no seu estado constitucional proprio, original ou adquiri-

(1) V. Jaume, op. cit.

(2) Chauffard, op. cit.

do e, acima de tudo, no seu estado de resistencia e de forças vitaes, que o tornam mais ou menos apto para reagir contra a causa morbigena occasional. A acção d'esta é secundaria, accessoria e é assim que convem encarar a influencia, por mais efficaz que seja, da epidemicidade.

Por outro lado, segundo Borsieri, a noção de malignidade não arrasta necessariamente comsigo a ideia do contagio.

O estado maligno, em summa, reduzido á sua mais simples comprehensão, desembaraçado d'obscuridades e da confusão d'hypotheses e theorias, é apenas um syndroma clinico, que não constitue de fórma alguma uma doença unica, individual, mas que pôde surgir em todas as doenças, bem que o seu terreno mais favoravel sejam aquellas que ferem e abatem as forças vitaes.

Foi particularmente na arte da prognose, tão familiar aos antigos, que nasceu a noção de malignidade, e é n'esta arte que ella apparece ao medico, que lucha com a doença. Inspirou methodos therapeuticos tão ridiculos como as theorias que a acceitavam; discutiu-se por muito tempo a opporrtunidade do calor e do frio e outros meios de mais grosseira polypharmacia, até que practicos illustres estabeleceram methodos apropriados e racionaes. Pôde, d'um modo geral, dizer-se que a medicação que este syndroma clinico expressamente indica, fóra das indicações especiaes fornecidas pela intermittencia e perniciosidade, é a que concorre por esses meios a sustentar e levantar as forças vivas mais ou menos anniquiladas e a favorecer o esforço critico e reaccional profundamente perturbado.

Diremos de passagem, e é propria a occasião, al-

guma cousa sobre as affecções externas ou chirurgicas que conservam ainda o epitheto de malignas, taes como as ulceras malignas, o edema maligno, os tumores, a pustula maligna, etc., e em que a palavra *malignidade* intervem e persiste ainda hoje. A sua accepção aqui está realmente desviada do seu verdadeiro sentido e representa antes a ideia de gravidade ou de lethaldade; é, por assim dizer, synonyma de *morte certa mais ou menos proxima*, ou de *recidiva* (tumores malignos, ulceras malignas, cancro, etc.) (1)

É necessario, todavia, exceptuar o anthraz chamado maligno e a pustula maligna, affecções em que o termo maligno se refere ao sentido tradicional e medico.

(1) Entre outros, veja-se o artigo Anthrax, do «Dict. encyclopedique, de Dechambre».

A malignidade e a medicina moderna

Conclusão

Comparemos e julguemos, e para isto vamos pedir o auxilio d'uma das mais illustres notabilidades medicas contemporaneas. No seu artigo, *Malignité* (1), diz Dechambre:

«Etant écartés les symptômes et groupes de symptômes qui, ayant pour moteur une lésion anatomique connue et étant physiologiquement explicables, ne peuvent par cela seul, alors même qu'ils porteraient sur le système nerveux, être, au vrai sens réputés malins;

«Etant écartés les symptômes et groupes de symptômes qui, sans être physiologiquement explicables, sont manifestement inhérents à une lésion ou à un ensemble de lésions anatomiques déterminées;

«Etant écartés, enfin, les symptômes qui sont l'effet direct et l'effet ordinaire, normal, régulier, d'une cause appreciable, fussent-ils de la plus haute gravité.

«Il reste:

«1.º Les maladies dans lesquelles la tendance fu-

(1) V. Dechambre, «Dict. encycl. des sc. med.»

neste, la mobilité des manifestations morbides, anatomiques ou fonctionnelles, leur expression insolite, leur marche irrégulière, une réaction languissante ou violente à l'excès, un danger imminent, sont les signes avant-coureurs, ou bien sont l'expression normale et irrégulière d'une cause plus ou moins connue, miasme variolique, variole bénigne et variole maligne; ou bien ne peuvent être dérivés, dans l'état actuel de la science, d'aucune cause, d'aucune lésion, et sont pour le praticien une énigme indéchiffrable (fièvre pernicieuse);

«2.º De secrètes dispositions de l'organisme vivant en vertu desquelles il ne répond pas convenablement à l'action offensive des agents morbifères, connus ou inconnus, et, après une lutte bizarrement accidentée, succombe à une attaque dont, dans d'autres circonstances, il se fût dégagé sans peine.»

E, accrescenta Déchambre, «cette seconde proposition laisse à l'économie la part qui lui revient dans le drame pathologique».

Ora, eis aqui o ponto essencial, que fatalmente nos leva a esta consideração capital na noção nosológica que nos occupa, consideração que domina, sem que se possa evital-o, toda a concepção clinica da doença: o *estado das forças* do organismo vivo, tanto no estado de saude, como no de doença. E' este o ponto d'encontro inevitavel de todas as opiniões, de todas as doutrinas, por mais divergentes que sejam; é este o terreno commum d'uma realidade fatal, aonde veem dar e confundir-se todos os systemas, por mais laboriosamente construidos que tenham sido.

Que se trate do *enormon* d'Hippocrates, e dos hippocratistas; que se trate dos espiritos vitaes ou mais propriamente das forças que presidem á cocção das

doenças na doutrina galenica; que se trate do que um grande numero d'authores chamam *vires vitales*; quer seja o *archeu* de van Helmont, ou a *vis vitalis* de Gaubius, a *alma* de Stahl, o principio vital e as forças radicaes ou não radicaes de Barthez; quer seja o dynamismo ou o dualismo dinamico da escola de Montpellier, o vitalismo puro e tradicional d'alguns ou o vitalismo associado ao organicismo, quer seja ainda o proprio organicismo, em presença e á cabeceira do leito do doente, sob o imperio e sob a pressão da realidade viva, palpavel, a que se reduzem todas essas palavras, todos esses esforços do espirito e algumas vezes do genio? A' obrigação e ao dever de reconhecer que se está em face d'uma lucta em que se deve tomar parte e em que se deve seguir um partido. O *termo* não virá certamente aos labios do clinico; mas a ideia que elle representa accorrerá seguramente ao seu pensamento, e desde então será o objecto obrigado e essencial das suas meditações e talvez dos seus tormentos, quando, em presença do imprescriptivel *Recipe*, elle se demore em indicar as regras e os meios d'um tratamento appropriado.

FIM

PROPOSIÇÕES

Anatomia.—No estado normal, o prolongamento da synovial carpo-phalanga externa é constante.

Physiologia.—Não admittimos a autonomia funcional dos nervos sensitivos e motores.

Materia medica.—Da acção physiologica d'um medicamento não se deduz a regra de seu emprego therapeutico.

Pathologia externa.—As classificações dos tumores baseadas exclusivamente sobre a anatomia pathologica são completamente insufficientes para a pratica da cirurgia.

Medicina operatoria.—Para a contenção das fracturas, preferimos, em igualdade d'indicações, osapparelhos inamoviveis.

Partos.—Quando seja necessario provocar contracções do utero—no caso d'inercia d'este orgão—usaremos do sulphato de quinina, de preferencia à cravagem do centeio.

Pathologia interna.—As condições telluricas fixas e variaveis são a causa auxiliar mais importante das epidemias do cholera e da febre amarella.

Anatomia pathologica.—A nephrite parenchimatosa e a degeneração gordurosa do figado precedem e complicam a degenerescencia amyloide d'essas visceras.

Hygiene.—A hygiene condemna o celibato.

Pathologia geral.—«Qui bene judicat, bene curat.» (Baglivi)

Approvada.

Pimenta.

Póde imprimir-se.
O CONSELHEIRO DIRECTOR,
Costa Leite.

ERRATAS

Pag.	Linhas	Onde se lê	Leia-se
32	10	o interpretam	a interpretam
32	19	malla	nulla

Ha outros erros que são tão insignificantes que nem vale a pena referir-se a elles.